

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 4

Abril de 1914

Ano LXVI

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

“POR BEM,,

«Eu estudo e trabalho em busca da verdade, e não para sustentar caprichos pessoais».

Coronel Antonio José da Cunha Salgado.

As palavras, que servem de epigrafe a este artigo, explicam, melhor do que o poderíamos fazer, qual o sentimento que nos anima ao voltarmos a um assunto, que há pouco meses tratámos nas paginas desta *Revista* ¹, o qual teve a subida honra de ser contraditado, em parte, por um official que é, sem sombra de lisonja, um dos mais ilustrados e competentes da arma de cavalaria. S. Ex.^a desculpará a ousadia de discordarmos da sua maneira de vêr e de insistirmos no debate, porque o fazemos, não só no intuito de acentuarmos e fundamentarmos aquélas das nossas opiniões de que se mostra discordante, mas também movidos pela consideração, que de direito merece quem tanto tem trabalhado pelo progresso da arma.

Antes de entrar na critica do que aqui escrevemos, queixa-se o autor do artigo *O novo regulamento para a instrução tactica da cavalaria*, publicado no último número desta *Revista* ², da

¹ *Revista Militar*—janeiro 1914. *O novo regulamento tactico da cavalaria*.

² *F. Carmona*—O novo regulamento para a instrução tactica da cavalaria.

situação em que se encontra a cavalaria em Portugal, o que faz nas seguintes palavras: — «*A situação actual desta arma, sobretudo em Portugal está longe de ser aquela a que lhe dão direito os seus importantissimos serviços. As opiniões mais ou menos violentas que no estrangeiro a tem atacado, considerando-a muito diminuida na sua passada importancia, encontram no nosso país — de há muito afastado de campanhas regulares, bem preparado para as receber — um terreno extremamente propicio á sua cultura e desenvolvimento.*

Entre os proprios cavaleiros influenciados pela acção do meio e por outras causas, as divergencias sobre a applicação da arma, e até sobre detalhes tacticos de menor importancia, são tão consideraveis que urge pôr-lhes um termo immediato.»

Com S. Ex.^a estamos de perfeito acôrdo nesta parte, pois que, se era entre nós precario o estado da arma de cavalaria, esse estado agravou-se extraordinariamente com a última reforma do exercito, que a colocou numa situação verdadeiramente critica, como facilmente se reconhece, quando se considerem: os irrisorios efectivos de paz dos esquadrões; o diminuto tempo de permanencia do soldado na fileira; a situação dos comandantes de regimento e esquadrão para com a instrução e preparação para a guerra das suas unidades, pois que para os officiais se habilitarem com as condições indispensaveis para promoção, tão repetidas vezes se desloca o comando que, no mesmo ano, sob o ponto de vista da instrução, estas unidades, pôdem sucessivamente ser comandadas por officiais diferentes, com desprezo absoluto pelas conceituosas palavras de Cherfils ¹ — «*Il suffit que le plus beau des regiments change de chef, pour qu'en quelques mois il passe des plus parfait état d'entraînement physique et intellectuel a la douce torpeur d'une garde nationale á cheval. La cavalerie est l'arme impressionable par excellence, le plus sensible à la pression morale des milieu ambiant.*

Elle doit vivre dans une atmosphère electrisée á haute pression. Or c'est le chef seul qui, par son fluide, crée cette atmosphère vivifiante et ardente.

¹ Colonel Cherfils—*Essai sur l'emploi de la cavalerie—Leçons faites em 1894 á l'Ecole superieure de guerre.*

Tel chef, telle cavalerie.»

Mas vamos ao que aqui nos trás.

Criticando a organização do pelotão, que o regulamento provisório de 1912 preceitua no n.º 81, dissémos nós, no artigo a que já atrás nos referimos, que achavamos exagerado o efectivo a esta unidade atribuído pelo Regulamento, preferindo-lhe, *atento o reduzido número de cavalos que, no pé de paz, constituem o efectivo dos esquadrões e a deficiência de instrução motivada pelo pequeno tempo de incorporação*, pelotões constituídos por 24 cavaleiros, dos quais 2 fossem sargentos, 4 cabos, 1 clarim e 1 ferrador. Não partilhando, esta nossa opinião, embora concordando, em principio, com a redução no efectivo do pelotão, objecta-se-nos que o Regulamento tactico, aceitou o efectivo, que preceituava o Regulamento de Mobilização. Nada mais certo; mas, sendo assim, o regulamento provisório esqueceu-se de contar com um sargento, pois pelo regulamento de mobilização o esquadrão dispõe de 8 segundos sargentos. Porém, segundo o nosso modo de vêr, a comissão, que elaborou o Regulamento tactico, não se deveria ter limitado a aceitar aquele número, cabendo-lhe antes fixar o efectivo e composição mais conformes ás circumstancias actuais da arma, o que deveria depois servir de base para a remodelação, nessa parte, do Regulamento de Mobilização. Consultando-se o *Regulamento para a Instrução da artilharia montada e a cavalo*, ver-se há que a comissão, que o elaborou, fundamentou os seus trabalhos numa organização muito diferente da apresentada pelo *Regulamento de mobilização*, e tão bem andou essa comissão e tão conforme aos principios, que as suas exigencias, segundo nos consta, estão em via de serem reconhecidas, com a publicação duma nova edição do Regulamento de mobilização.

Querendo-se á viva força atacar a organização do pelotão, que apresentámos diz-se: — «*Claramente se vê, da comparação feita entre o efectivo proposto e o do Regulamento de Mobilização que um e outro são valores maximos, ora o efectivo maximo do pelotão constituído por 24 cavaleiros na fileira é inadmissivel, como procuraremos provar.*» Com a mais sincera das franquezas não percebemos como *claramente se possa vêr*, que o efectivo de 24 cavaleiros na fileira tivesse sido por nós indicado como um maximo, quando do nosso espirito tão afastada

estava a idéa de efectivos *maximos*, que, em nota ás nossas palavras, dissemos que a França, a Alemanha e a Espanha tinham como *normais* a constituição do pelotão a 12 filas, o que o nosso contradictor nega, apresentando os *efectivos de guerra* naqueles países, que não são, como vamos provar, os efectivos que os respectivos regulamentos tacticos consideram como *normais*.

Recordando previamente que o *Regulamento de manobras da cavalaria alemã*¹ diz no n.º 1 — «O regulamento dá as prescrições relativas á instrução da cavalaria, as formações nas quais ella evoluciona e os principios para a conduta do combate» examinemos o que de particular se refere ao assunto, de que agora estamos tratando — :

N.º 81 — «O esquadrão dispõe-se em 2 fileiras, divide-se em 4 pelotões, o pelotão *em grupos*, o grupo em filas.

«Um grupo comprehende quatro filas; o grupo da ala esquerda de cada pelotão póde ter menor número de filas.

«Um pelotão compõe-se de três grupos, ou dum número superior.

«N.º 63

«Quando não seja possivel constituir os pelotões a 12 filas (comprehendendo os graduados dos flancos) reduz-se o número de pelotões.»

Em todas as figuras do regulamento os pelotões em linha são representados com a composição e disposição da Fig. B, tendo nas outras formações composição identica.

Examinemos agora o Regulamento francês², que diz no relatório que o precede, dirigido ao Presidente da Republica — : «O presente regulamento expõe as prescrições relativas á instrução da cavalaria, assim como os principios segundo os quaes ella evoluciona, manobra e combate.

«Visa simultaneamente a preparação e utilização.

«
Tudo o que não se refere ao emprego da tropa na guerra

¹ Règlement de manœuvres de la cavalerie allemande du 3 avril 1909. — Traduit par F. Jung.

² Règlement sur les exercices et les manœuvres de la cavalerie 1911.

é considerado como inutil e excluído do programa de preparação.

N.º 408 — «O pelotão é constituído por 12 ou 16 filas. Quando o pelotão não tem 24 ou 32 cavaleiros, a 1.ª fileira constitue-se com 12 ou 16 cavaleiros as filas em falso sendo repartidas pelas n.ºs 1 e 4.

«O pelotão é formado por 3 ou 4 esquadras segundo comprehende 12 ou 16 filas.

«A esquadra é constituída por *um grupo* de 4 filas.»

N.º 411 — «O pelotão será frequentemente exercitado a manobrar com 16 filas, com filas em falso quando seja necessario.

N.º 491 — « — O esquadrão será muitas vezes exercitado a manobrar com 4 pelotões de 16 filas; para este efeito a 2.ª fileira será reduzida e em caso de necessidade suprimida.»

A disposição de pelotão em linha é a da figura C.

Ainda sobre o assunto diz o Regulamento espanhol¹ Titulo 3.º — N.º 1 — «O esquadrão é a unidade tactica da cavalaria. O seu efectivo *normal* é de 100 cavaleiros, repartidos em 4 secções² iguais. Quando por perdas ou outras causas contemmenos de 76 cavaleiros, formar-se-hão sómente 3 secções. Se a sua força fosse superior á normal, repartir-se-hia entre as 4 secções ordinarias.

«N.º 2 — «Cada secção compor-se-há de 1 sargento, 3 cabos, 1 ferrador, 1 clarim, 19 cavaleiros, dos quais 3, do terceiro ano de serviço ou que das suas aptidões especiais mereçam, serão chefes de grupo de 4. Fraccionam-se em 3 esquadras de oito cavaleiros, constituídas por 2 grupos de 4. No total 25 cavaleiros.

«O minimo efectivo da secção será de 18 cavaleiros e o sargento; a maxima 32 e o sargento. Quando haja na secção mais de 25 individuos, dividir-se-hão em 4 esquadras, aumentando-se então um cabo e um chefe de grupo.»

¹ Reglamento provisional para la instrucción táctica de las tropas de caballeria 1910.

² As secções espanholas correspondem aos pelotões.

A formação da secção em linha é representada na figura D.

Mas quando não bastassem estas citações para mostrar não constituir erro de doutrina, o advogar a constituição *normal* do pelotão a 12 filas completas, ainda teríamos para escudar o nosso modo de vêr a opinião, de incontestavel valor, de Von Schmidt, que nos diz na sua magistral obra, traduzida em francês com o titulo — «*Instruction relatives á l'instruction, l'education, l'emploi et la conduite de la cavalerie*»: — «O pelotão para manobrar deverá ser constituido com o maior número de filas possível, *seja 12 filas.*»

Provado pois que a constituição do pelotão a 12 filas é a tida como *normal* na Alemanha, França e Espanha, examinemos mais de perto esta questão para verificarmos a importancia dos argumentos, com que o nosso contradictor pretende combatê-la, os quais se podem resumir, — 1.º na dificuldade do pelotão poder desempenhar as missões, que em campanha lhe competem. 2.º — impossibilidade do esquadrão poder desempenhar a sua missão de unidade tactica e de combate.

Com respeito ao primeiro ponto, todos o sabem, e os officiais de cavalaria bem o sentem, que em campanha ou em exercicios a capacidade duma unidade de cavalaria para o desempenho da exploração, como unidade do serviço de descoberta, segurança ou protecção, reside *essencialmente* no numero e qualidade dos graduados e não no efectivo total, de que disponha sobretudo agora dada a excessiva redução do tempo de serviço.

O segundo dos argumentos apresentados tem a contrabate lo, não só conhecidos factos historicos, como tambem a opinião de escritores da envergadura de Von Bernhardi ¹ o qual peremptoriamente nos díz — «não ser a superioridade numerica a condição mais importante do successo».

A historia mostra-nos, diz este autôr, grande número de exemplos, em que, mesmo nos casos mais desfavoraveis ás operações e aos desenvolvimentos, as vantagens do número foram suplantadas pelo valor tactico e superior moral do adversario, mais fraco numericamente.

¹ Von Bernhardi — *La guerre d'aujourd'hui*. Traduit de l'allemand par M. Etard.

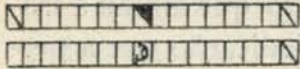


Fig. A - *Regulamento provisório de 1912.*

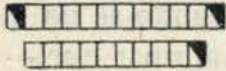


Fig. B - *Regulamento alemão (1909).*

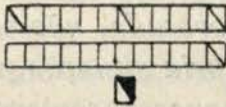


Fig. C - *Regulamento francês (1911).* O clarim, o ferradôr e os cavaleiros montando cavalos russos formam na 2.^a fileira.

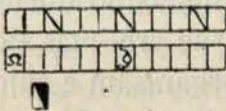


Fig. D - *Regulamento espanhol (1910).*

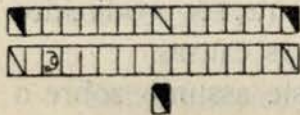


Fig. E - *Regulamento belga (1909).*

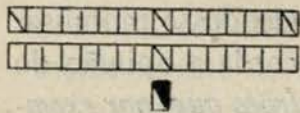


Fig. F - *Regulamento suíço (1904).* O clarim e artifices colocam-se segundo as suas aptidões como cavaleiros.

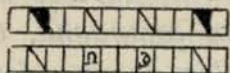


Fig. G - *Formação por nós proposta.*

■ Sargento ■ Cabo.

□ Ferradôr □ Clarim.

O valor imanente das tropas modernas, diz ainda, repousa sobre o caracter das tropas e do sistema de defeza; sobre o estado moral e físico do pessoal; sobre o treino do homem e do cavalo; sobre o armamento e o equipamento; sobre a obdiencia, que se torna nos homens como, que uma segunda natureza; sobre o gráo de independencia e de iniciativa que neles se desenvolva; dependendo tambem da confiança dos

homens nos seus chefes; no espirito de corpo que anima a tropa; e, finalmente, no espirito de sacrificio e dedicação que a personalidade do chefe sabe despertar e alimentar. Este valor é ainda função do zelo, da perspicacia e heroismo dos officiaes.

Por outro lado o major von Lüttwitz, baseando-se no que conhece da guerra russo-japoneza, não duvida afirmar que — *A vontade de vencer pôde compensar a inferioridade do numero; a victoria pertencerá não ao mais forte, mas ao mais energico. E' por isso que a decisão de atacar deve ser provocada, não sómente pela superioridade numerica, mas sempre pela situação geral*» sendo ainda bom, para complemento, não esquecer a sentença do general Trochu:— «A cavalaria é o instrumento productor, não dos grandes choques, como geralmente se crê, mas dos grandes efeitos morais, que paralisam, que desorganizam e cujos resultados em dadas circumstancias, são incalculaveis». Ora, estes efeitos morais não podem, incontestavelmente, ser produzidos pelo numero, mas têm a sua origem noutras causas.

Finalmente, querendo ainda apreciar este assunto sobre o ponto de vista do valor tatico dum esquadrão que, **dadas as circumstancias da nova organização**, se pretendesse mobilisar com 120 cavalos, tornar-se ha oportuno recorda a opinião do general Von Bernhardi que diz ¹: — *Esquadrões que, por exemplo, remontassem aproximadamente por metade em cavalos de requisição, seriam simplesmente inutilisaveis em campanha. O processo, que conduzisse a um tal resultado, além de não reforçar por qualquer fórma a cavalaria, poderia, até paralisar na guerra, a ação da que se disponha em tempo de paz. Esquadrões desta especie não poderão, utilizar-se nem como cavalaria divisionaria*».

Foi, pois, apreciando maduramente as opiniões e circumstancias, que acabamos de apresentar, e que se podem reunir no velho aforismo — «mais vale pouco e bom do que muito e mau» que no nosso espirito se fixou a ideia que, **dadas as circumstancias actuais da nossa cavalaria**, não convém que o effectivo normal do pelotão exceda muito o numero de 24 cavaleiros na fileira.

Com respeito ao numero de pelotões, que hão-de constituir

¹ Von Bernhardi — La notre cavalerie dans la prochaine guerre.

Traduit de l'allemand par P. S.

o esquadrão, parece-nos que, de ha muito, a pratica o fixou em não menos de 3 nem mais de 4. *Il est difficile de commander directement plus de quatre unités* dizia Napoleão, e, sem desprimor para ninguem, não acreditamos que na nossa cavalaria haja quem possa encontrar facilidades onde tão assombroso genio encontrava dificuldades.

Mas, quando tão auctorizada opinião não bastasse, e ainda mesmo que os esquadrões a cinco pelotões se não tornassem unidades muito pesadas, haveria a ponderar o encargo organico que tal disposição acarretaria, pois tornar-se-hia necessario para os actuais 11 regimentos, de que dispõe a nossa cavalaria, quando todos constituídos a 4 esquadrões, mais 44 officiais subalternos; 88 sargentos; 132 cabos; 44 clarins e 44 ferradores o que não deixará por certo de merecer consideração, pois é sabida a dificuldade com que actualmente se luta para poder enquadrar convenientemente o numero de unidades existentes.

Sob a rubrica *formação do pelotão* ataca o auctor do artigo a que estamos respondendo: a divisão do pelotão em grupos; a disposição que démos ao pelotão em duas fileiras e novamente insiste na formação em coluna de 4, procurando rebater algumas das objeções por nós feitas a esta formação no nosso anterior artigo.

Referindo-se á disposição do pelotão em duas fileiras, que apresentámos, diz lamentar não termos disposto graduados no centro e flancos julgando que tal não fizemos «*para obter uma regularidade de formação mais agradável do que util*». Quanto se engana S. Ex.^a, e como viu mal a questão! Ou antes como colocou mal a questão, pois não posso admitir que desconheça o que de ha muito se vem escrevendo sob a situação moral das tropas em campanha. E' influenciado por esses escritos que eu julgo absolutamente indispensavel obter hoje melhor enquadramento das unidades, do que no tempo em que o serviço militar mais prolongado, e as circunstancias especiais do meio permitiam dar ao soldado uma *educação* (note-se que me refiro á educação e não instrução), que melhor previna as tropas contra os efeitos do *mêdo*, o qual exerce tal influencia na sua capacidade de combate, que já o grande psicologo e militar, que era Frederico II da Prussia, o tinha, em caso analogo, em consideração, pois dizia ao explicar a formação de combate

da sua cavalaria: Coloco oficiais na frente, fóra da fileira, porque colocados nela são simples cavaleiros e não pódem evitar deixarem-se arrastar pela corrente do esquadrão; coloco-os também na réctaguarda para cairem sobre aqueles que *queiram fugir*. Mas, se esta citação não basta e se deseja uma explicação mais completa das razões que nos levaram a advogar a colocação dos graduados pela fórmula porque o fizemos que, se leia o seguinte trecho da imortal obra *Etudes sur le combat*, que é ainda hoje a obra mais completa de psicologia militar, que se pode consultar: — » «O combate real, serio, sendo a rude prova que nós sabemos, para a impôr com exito a uma multidão humana, não basta que essa multidão seja composta de homens valentes como os gaulezes, como os germanos.

«E' necessario, e nós lhos damos, chefes que tenham a firmeza e a dicisão do comando provenientes do habito e duma fé absoluta no seu imprescritivel direito de comandar, consagrado pela tradição, pela lei e pela constituição social.

«Damos-lhes boas armas, uma fórmula de combater adequada a essas armas e ás do inimigo e com o que se póde obter das forças fisicas e morais do homem; e, ainda mais lhedamos, um fracionamento racional, que permita a direção e ação de todos os esforços até ao do ultimo homem. Anima-lo de paixões — desejo violento de independencia; fanatismo religioso; orgulho nacional; amor da glória; vontade de possuir; e uma lei disciplinar severa proibitiva que qualquer se subtraia á ação, e que consiga a maior solidariedade de cima a baixo, entre todas as frações, entre os chefes, entre os chefes e os soldados, entre os soldados.

«Possuimos então um exercito solido?

«Ainda não. A solidariedade, essa primeira e suprema força dos exercitos, é ordenada, é verdade, por leis disciplinares severas, secundadas por paixões poderosas; mas ordenar não basta. Uma vigilancia á qual ninguem se possa escapar no combate, assegurando a execução da disciplina, deve garantir a solidariedade contra os desfalecimentos em frente do perigo, desfalecimentos estes que conhecemos; e para ser sentida, que é o ponto capital, para exercer uma grande pressão moral e fazer marchar toda a gente por temor ou ponto de honra, esta vigilancia, olho de todos vigiando cada um, exige grupos de homens que perfeitamente se conheçam e que

«a compreendam como um direito e um dever de interesse
«commum.

*É necessario então que uma organização sabiamente orde-
*nada, e é por ahi que se deve começar, coloque permanente-
*mente os mesmos chefes e os mesmos soldados nos mesmos
*grupos de combate, de tal forma que os chefes e os compa-
*nheiros da paz ou dos campos sejam os chefes e os compa-
*nheiros da guerra, afim do habito de viver juntos, de ob-
*decer aos mesmos chefes, de partilhar as mesmas fadigas e
*desanimos, de concorrer, nestas circunstancias, á execução de
*movimentos e evoluções guerreiras, nasçam a confraternidade,
*a união, o amôr da profissão, o sentimento palpavel, em uma
*palavra, e a inteligencia de solidariedade: Dever de se subme-
*ter, direito de se impor, impossibilidade de se subtraír.

*É assim apparecerá a confiança. Não essa confiança entu-
*siasta e irrefletida dos exercitos tumultuarios ou improvisados,
*que vai até ao perigo e rapidamente se esvaí para dar lugar
*ao sentimento contrario, o qual em tudo vê traição; mas a
*confiança intima, firme, consciente, que não se esquece no mo-
*mento d'ação e a unica que faz verdadeiros soldados»¹.

E, se adoptámos aquella repartição de graduados, fundados
nestas e outras opiniões, por a julgarmos mais vantajosa para
garantir ao pelotão o maximo esforço no ataque á arma
branca e ainda, tambem, se nos afigura sêr ela a que mais
facilita a execução dos diferentes serviços de que o pelotão
possa sêr encarregado pelo emprego de *grupos*, regular e per-
manentemente constituídos, que formam a sub-divisão do pe-
lotão.

Como se vê, temos neste ponto opinião diametralmente
oposta á do defensor do Regulamento, pois julgamos que, a
divisão do pelotão em *grupos* é a mais pratica, mais util e a que
mais se cuaduna com os modernos principios, sendo a segui-
da, como se mostra nas disposições que citamos, dos regula-
mentos alemão, francês e espanhol.

E' facto que os *grupos*, que constituimos, são de menor
effectivo do que os grupos ou esquadras desses regulamentos,
mas, segundo o nosso modo de vêr, esse facto longe de cons-

¹ Ardant du Picq. *Estudes sur le combat.*

Depois da publicação da sua apreciada obra *Feuilles de route bulgares*, Alain de Penennrun, pseudonimo que, como é sabido, oculta um joven e brilhante official do exercito francês, dá-nos, na obra que temos presente, uma nova manifestação do seu espirito observador e imparcial e das suas qualidades de assimilação e seguro golpe de vista.

Sobre a forma de notas diarias colhidas *in loco*, quantas vezes sob a acção do fogo, que série de empolgantes quadros ele nos apresenta!...

Presente no teatro da guerra, desde 1912, agora, como por ocasião da sua primeira publicação, Penennrun, capta a atenção do seu leitor que, após as primeiras paginas, fatalmente interessado, só ambiciona atingir as ultimas.

Nesta nova publicação, o autor ocupa-se da 2.^a fase da campanha, isto é, do conflito servio-bulgaro, resolvido pelas armas, no curto periodo de 30 dias.

Bregalnitz, Egri-Palanka, e Tsarevo-Selo, são acções de campanha a que como espectador assistiu e de cujos combates nos faz um relato singelo, mas suficientemente elucidativo.

Tendo seguido sucessivamente, no decorrer de toda a campanha, os exercitos bulgaros, montenegrinos, turcos, servios e romenicos, o autor, conclue o seu trabalho, esboçando a comparação entre aqueles exercitos, que é certamente um dos mais interessantes capitulos de todo o livro, talvez só excedido pelo relato que noutra nos faz do exercito da Romenia.

É, pois, mais uma obra que, enquanto nos não chega o relato official desta ultima guerra, se pode recomendar a todos os estudiosos.

- 5 Capitaine de RIPERT D'ALAUZIER — **Sur les pas des aliés.** — 1 vol. de 329 pag., avec 10 photographies et 9 cartes et croquis. — Berger Levrault. — Paris, 1914. — Prix 5 fr.

Nomeado para acompanhar o coronel Mondesir a Andrinopola, logo após a tomada desta praça pelos bulgaros, o capitão Alauzier, dá-nos, num interessante volume, a coleção das suas notas diarias, traduzindo não só as suas impressões pessoais, mas tambem os relatos de officiais bulgaros, gregos ou servios, que, como orientadores, acompanharam esta missão francesa.

A dar valor real ao estilo pitoresco e impressivo do autor, um provençal, na obra em questão, se encontram relatorios documentados das batalhas travadas pelos aliados e bastantes croquis e clichés fotograficos, tomados sobre o terreno pelo proprio coronel Mondesir.

Tendo percorrido Andrinopola, a Tracia e Macedonia, em outros tantos grandes capitulos, o capitão Alauzier, tratando de tais regiões, nos dá interessantes informações sobre a vida e modo de ser dos exercitos bulgaro, servio e grego, enriquecendo, assim, a já vasta bibliografia desta campanha.

Por isso, e porque o livro se lê sem enfado, não deve ele ser posto de parte, por todos aqueles que coligem materiais, procurando fazer um pouco de luz na historia desta campanha, ainda tão obscura em muitos dos seus pontos.

«de l'escouade elle permettrait à chaque chef de peloton de
«jouer plus facilement de ces trois escouades, pour lancer leur
«vol en patrouille, en fourrageurs on en eclaireus.»

Os periodos transcriptos respondem ás considerações com que se pretendeu combater o fraccionamento em grupos. Esta opinião não é aliás exclusiva deste autor, porquanto o distintissimo official da cavalaria francesa, que encobre o seu nome sob as iniciais P. S. referindo-se a divisão de pelotão em esquadras de 8 cavaleiros diz ¹:

«Notemos sómente por agora que ella satisfaz a todas as situações nas quais o pelotão se póde encontrar em campanha.

«O emprego duma esquadra em flecha, patrulha, para constituir um posto — o desenvolvimento por esquadras em forrageadores, tão frequentemente usado hoje — a divisão do pelotão em grupos de atiradores para o combate a pé — tudo é previsto antecipadamente, executa-se sem perda de tempo e sem desordem, com a enorme vantagem de que estes pequenos grupos tacticos são constituídos por homens habituados a trabalhar juntos providos do seu chefe e conhecendo-o bem.»

Entendemos dever evidenciar que os grupos ou esquadras do regulamento alemão, francês e espanhol, bem como aquellas a que se refere Cherfils e P. S., *são constituídas por 8 cavaleiros, graduados inclusivé.*

Referindo-se á facilidade com que um pelotão fraccionado em esquadras póde manobrar, diz o capitão de Tournadre um dos membros da comissão que elaborou o Regulamento da cavalaria francesa de 1911, e que pelos seus escritos pode sem favor ser considerado como uma autoridade de incontestavel valor sobre o assunto que — «o desenvolvimento é facilitado. As esquadras podendo trocar os seus lugares, tanto em columna como em linha, o pelotão poderá formar-se seja em leque sobre a testa, seja para a direita ou para a esquerda, á direita ou á esquerda, ou mesmo á retaguarda, por uma conversão de esquadras. Flexibilidade, simetria, analogia completa do desenvolvimento do pelotão com o de esquadrão, — não haverá mais pontos fracos, direcções perigosas, uma resposta rapida

¹ P. S. — *Evolutions et combat de cavalerie en Allemagne et en France.*

«e comoda em todos os sentidos, — tais são as vantagens alcançadas¹».

Deixando os argumentos com que se pretende tirar efeitos, por dizermos que em muitas circunstancias o comandante do pelotão terá necessidade de se servir do clarim como ordenança e elemento de ligação, o que corresponde, como se sabe, a um habito até hoje seguido, o qual pode têr explicação, no facto do clarim, não ser para o combate um elemento de subido valôr pois que a sua preparação para tal será certamente prejudicada pela necessidade de simultaneamente ter que receber a instrução técnica, que lhe é propria, ao passo que frequentes vezes está intellectualmente melhor preparado para transmitir verbalmente qualquer ordem ou indicação; examinemos qual deva ser a colocação do sargento, questão esta que o nosso contradictor deixa no mesmo estado, pois que embora pareça, até certo ponto, colherem os argumentos com que pretende defender a sua colocação no centro do pelotão, apesar de não rebater os de subordinação á formação em que este graduado fica, o que é certo é que, entre outros, os regulamentos alemão, francês, espanhol, belga e suíço não reconhecem tais vantagens como, se mostra nas figuras que publicamos por lhe encontrarmos tambem a vantagem de poderem servir de termo de comparação entre a distribuição dos graduados, que propomos e que é determinada pelo Regulamento provisório de 1912.

Sobre a já bastante debatida questão da colúna por 4, sejam-nos permitido, para a finalisar, citar *por extenso* a opinião do que foi o mais distinto official da nossa cavalaria, daquêle que pela sua illustração, saber e qualidades tão alto se colocou, que ainda hoje com profunda veneração e respeito se pronuncia o seu nome, refiro-me ao coronel Antonio José da Cunha Salgado que na sua obra — *A questão da cavalaria* diz a paginas 251: — «Segundo o regulamento de 1843 tomando por base o «desfilamento por três, que é de seis e cuja profundidade é «igual á frente da força em linha, as diminuições de frente produzem uma profundidade dupla, passando a *secções de três*; «tripla, passando a filas; e sextupla, passando a filas singelas. «Nas passagens dos desfiladeiros, que obriguem a esta diminuição de frente, as perdas de tempo ou atraso para recuperar

¹ Capitaine de Tournadre — Lettres a Piok. La cavalerie depuis 1870.

«uma profundidade igual á extensão da linha, torna-se consideravel, tanto mais, quanto maior fôr a força. Ora como em Portugal se não pôde marchar por três, porque este desfilamento com os comandantes dos meios esquadrões e fileira supranumeraria dão uma frente de oito cavaleiros, e não há estrada de segunda ordem nem de primeira que a comporte; sendo além disto indispensavel deixar livre no flanco uma largura de estrada sufficiente para a passagem de viaturas, officiais, ordenanças, etc.; é claro que, ainda na hipotese mais favoravel, e que é a verdadeira para as estradas de primeira ordem, só se pôde marchar por secções de três, duplicando por tanto a profundidade da colúna; e, *ainda assim, é preciso que os depositos de pedra britada estejam sobre as bermas e não sobre a faxa. Nas estradas distritais e municipais é muitas vezes impossivel marchar mesmo por secções de 3.* Emfim, nos cami-

■□□□

□□□

□□□■ Clarim

□□□

□□□■ Cerra fila

□□□■ Ferrador

□□□

□□□

nhos e terrenos por onde a cavalaria terá a maior parte das vezes de passar e manobrar os desfilamentos por 3 (seis) serão impossiveis ou inconvenientes, e as maiores diminuições de frente obrigadas.»

Ora devemos notar que a colúna de três que o coronel Salgado indica no seu projecto de Regulamento tem a configuração da figura, o que a distingue muito da colúna de 4 actualmente adotada sob o ponto de

vista dos inconvenientes que no nosso anterior artigo lhe apontámos.

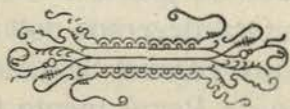
Julgamos tambem conveniente pôr em evidencia que tendo a colúna de 4 sido adotada em Hespanha em 1847 o projecto do regulamento do coronel Salgado datado de 1878, não regulamenta a colúna de quatro mas sim a de três.

Para terminar resta-nos, sem mais comentarios, repelir a afirmação feita de que possam ser prejudiciais á arma a que nos orgulhamos de pertencer, as opiniões por nós expostas ao criticar o *Regulamento provisório de 1912*. **Por bem** foi a nossa intenção ao escrevermos o nosso primeiro artigo, em que procurámos mostrar os maiores defeitos em que incorria o Regulamento provisório de 1912; **Por bem** é ainda o sentimento que nos anima ao voltarmos ao debate, pelo que julgamos serem os verdadeiros principios; **Por bem** é o único objectivo que visa-

mos, aqui o declaramos solenemente, na campanha que encetámos, pois compreendemos e sentimos que — *«a verdade acceita-se, venha ela donde vier, e os caprichos de intelectualidade são sempre tomados em triste conceito»*¹.

JULIO DE MORAES SARMENTO

Cap. de cav.^o



¹ Antonio José da Cunha Salgado *A questão da cavalaria*.

EXEMPLO A SEGUIR

No dia 5 de janeiro do corrente ano fundeava no Tejo um vapor da Mala Real Inglêsa conduzindo a seu bordo o tenente-coronel do exercito inglês, sr. Francis Maurice, professor de historia militar na Escola de Estado Maior, em Camberley, acompanhado de três capitães de infantaria e um de artilharia de campanha, todos seus alunos. Vinham, por iniciativa propria, aproveitando as férias do Natal, alongadas com mais alguns dias de licença, visitar os campos de batalha da guerra da Peninsula.

Munidos dos seus livros, dos seus mapas, da sua maquina fotografica e dos seus oculos, e auxiliados pelo governo portuguez, puzeram em pratica, sem temerem os rigores do inverno, o seu plano, acomodado ao restrito tempo de que dispunham.

Depois de visitados alguns estabelecimentos militares de Lisboa e alguns dos fortes da sua defeza maritima, os excursionistas saíram da capital em automovel, em direcção ás Linhas de Torres, pelo desfiladeiro de Mafra.

Fazendo alto no sitio da Barroca e subindo á serra de Chypre, puderam ver, do lado do oriente, coroando os cimos de varios montes, alguns dos fortes da 2.^a Linha, com o seu flanco esquerdo apoiado no Oceano, que a vista, mercê da limpidez da atmosfera, abrangia tambem até uma distancia consideravel. Para o norte distinguiram, no fim do horizonte, a série de alturas da 1.^a Linha, bem como a vasta planicie, apenas cortada por uma ou outra suave colina, que se interpõe aos dois aludidos renques de fortificações.

De novo a caminho, os automoveis param de quando em quando, para se poder contemplar por instantes algum trecho da estrada antiga, que se vê serpear pelos montes, com os seus asperos declives, e que no seu eloquente abandono explica a

razão de ser daqueles fortes, tão animados outr'ora e hoje tão tristes como ela.

Em Torres Vedras os excursionistas visitaram rapidamente o reduto de S. Vicente, porque mais não permitia o tempo, seguindo logo pelo lado exterior da 1.^a Linha, para Runa e Dois Portos, até chegarem ao sopé da serra dos Cazais, que subiram. Do alto da obra que a corôa, conhecida pelo nome de Forte grande do Sobral, um dos maiores de toda aquela admiravel obra defensiva, viram projectar-se no horizonte, com uma nitidez surpreendente, apesar de ser quasi noite, as alturas da 2.^a Linha, barreira formidavel, com os seus flancos apoiados no Oceano e no Tejo, tambem ainda perfeitamente visiveis naquela luz crepuscular.

Espectaculo majestoso, que certamente lhes deixou no espirito indelevel impressão!

O regresso a Lisboa, já de noite, por Arruda e Alhandra, termina essa excursão, tão proveitosa em ensinamentos quanto agradável pelo pitoresco da região atravessada, e que é certamente uma das mais interessantes que se pódem proporcionar e quem percorre o nosso país para o estudar no ponto de vista historico-militar.

Decorridos dois dias punham-se de novo a caminho os officiais excursionistas, mas desta vez para jornada mais longa. O primeiro alto foi em Alhandra, para ver o flanco direito das Linhas e o monumento comemorativo da guerra, — um hercules, simbolo da força, que se ergue no alto duma columna de marmore, dominando aquelas vizinhanças com a sua altiva figura.

Em Santarem, o soberbo horizonte da Porta do Sol, que uma claridade rutilante e suave tornava ainda mais belo, deteve-os por mais duma hora.

Desta cidade inflectiram os automoveis para Porto de Moz, em procura da linha de retirada de Massena, e depois de pago á Batalha o tributo que não deixam de lhe pagar mesmo os que não viajam com um objectivo artistico, os officiais ingleses chegaram a Leiria, onde pernoitaram.

Na manhã seguinte, visitadas as ruinas do historico castelo de Afonso Henriques, encetou-se de novo a marcha.

As recordações da guerra acodem agora ao espirito de instante a instante. Cada povoação por onde os automoveis passam evoca uma reminiscencia. Aqui esteve o quartel general dos aliados

pôr espaço duma noite; além, o dos francezes; acolá travou-se uma escaramuça; mais adiante está o lugar de atrocidades, que a tradição ainda conta horrorizada; e assim se vai caminhando, até se avistarem no horisonte as ruinas do roqueiro castelo do Pombal, onde os excursionistas fizeram uma paragem para percorrerem as alturas que foram teatro de encarniçada luta entre os anglo-portugueses e a guarda de retirada dos francezes, sob o comando do famoso general Ney.

Dali seguiram para a Redinha, pitoresco lugar, graciosamente situado á margem da ribeira d'Anços, que lhe fertilisa os campos. A povoação, fóra da estrada real, comunica com ela por um trecho de caminho velho, ainda viavel, cujo eixo, para o norte, e a pequena distancia, é cortado por uma linha de alturas, formando um vasto arco de círculo. Foi ali que os francezes se estabeleceram, e de lá trocaram os seus tiros com os nossos, postados da banda de cá do rio. Ainda ha pouco se encontraram debaixo d'agua, enterrados junto da borda da ribeira, dois *shrapnels* do modelo primitivo, quasi intactos, figurando actualmente uma dessas reliquias no museu militar de Woolwich e a outra no de Lisboa.

Em Casal Novo, assinalado, além doutros motivos, por ter sido ferido ali o major Napier, o autor duma famosa historia da guerra peninsular, escalaram-se as alturas que se encontram antes de chegar á aldeia, para estudar a razão de ser das posições tomadas pelos contendores e que tanto distinguem o combate ali travado dos outros que o precederam e seguiram.

Uma vez aqui, os officiaes ingleses renunciaram, por falta de tempo, a continuar pela linha de retirada de Massena, e seguiram para Coimbra, cujo panorama, visto da ladeira da margem esquerda do Mondego, é dos espectaculos mais grandiosos e mais encantadores que o nosso país póde oferecer á curiosidade dos visitantes. Ao cair da noite chegaram ao grande Hotel do Bussaco.

A batalha que se travou na serra daquêle nome, embora não tenha lugar primacial nos fastos da guerra pelas suas consequencias, figura fodavia entre as mais importantes das que se pelejaram em Portugal, por muitas circunstancias, que se tornaria ocioso enumerar aqui. Por isso, não obstante a baixa temperatura que então reinava naquelas paragens, — 5º abaixo de zero, ao meio dia, — foi a posição percorrida a pé, de flanco a

flanco, quer do lado dos francezes, quer do dos aliados, estudando-se mais particularmente as frentes de ataque de Reynier e Ney, — em Sula e Santo Antonio do Cantaro, — o desfiladeiro do Mondego, para os lados de Penacova, e as alturas do Ninho d'Agua.

Consumidos dois dias e meio nesta digressão, seguiram os excursionistas pela via ferrea para Vilar Formoso e dali para Almeida.

Nesta vila, cujo horizonte se achava sepultado em neve e ainda mais triste do que habitualmente é, localisaram-se facilmente, mercê do dedicado concurso de algumas pessoas ilustradas da terra, as posições dos sitiantes, a situação do castelo que a formidavel explosão reduziu a cinzas, com muitos outros edificios, e o itinerario de Brennier e dos seus arrojados companheiros na sua empresa tão extraordinaria e tão ousada, que muitos anos depois, no processo de Bazaine, o nome daquele general foi invocado como um exemplo que todos os chefes de guerra francezes devem sempre ter presente ao espirito. De tudo, porém, o que mais interessou os excursionistas, foi a retirada do general Craufurd para aquem do Coa, ferozmente perseguido e defendendo o terreno palmo a palmo com a sua divisão, de que faziam parte dois dos nossos batalhões de caçadores, — os n.º 1 e 3.

Uma duvida se apresentou ao espirito de todos nesta interessante digressão pelas margens do Côa, — se a ponte por onde Craufurd passou com a sua divisão seria a que lá está actualmente, se outra, cujos vestigios se veem bem distintamente a jusante e a pequena distancia daquela. E tanto este ponto os interessou, que já depois do seu regresso a Inglaterra pediram para Portugal novos esclarecimentos.

De Almeida passaram os excursionistas a Espanha, de visita aos campos de batalha dos Arapiles, donde regressaram ao nosso país, pela Barca d'Alva, em direcção ao Porto, cuja tomada pelo exercito britanico, em 1809, constitue, pelas circunstancias em que se realizou, um dos mais interessantes episodios da guerra e um dos mais assinalados feitos do marechal Wellington. E assim, uma vez naquela cidade, e depois de trocados os cumprimentos com a autoridade militar, os officiaes inglezes percorreram a posição da Serra do Pilar, contemplando com justificada curiosidade aquele rio, cujo curso sinuoso tão admira

velmente favoreceu uma das mais audazes empresas militares dos tempos modernos.

Dali dirigiram-se á outra margem, para verem de perto o famoso Seminario, edificado num ariba pedregosa, escarpada, onde já mal se percebem os vestígios do muro, detraz do qual um punhado de autenticos bravos repeliu os ataques dos franceses, dando assim corajosa execução ao intrepido plano do seu chefe.

Estando a findar o tempo de que dispunham e necessitando acudir a trabalhos escolares inadiaveis, os officiaes britannicos deram por findos, por agora, os seus estudos acêrca da guerra peninsular no nosso país, que esperam poder continuar um dia, e deixaram o Porto, para ir tomar em Vigo um paquete, que os conduziu a Inglaterra.

*
* *
*

Trata-se, como se vê, não de excursionistas que viagem em busca de distrações, mas de verdadeiros profissionais, de officiaes do estado maior, um dos quais com um nome conhecido e apreciado no exercito inglês.

E não são estes os primeiros que aqui vêm com o mesmo objectivo. Militares e escritores têm vindo e continuam a vir ao nosso país com igual fim, merecendo registo especial, entre os que nos ultimos anos nos têm visitado, o professor Oman e o coronel Chambers, ambos historiadores de grande reputação.

O interesse com que em Inglaterra se estuda a guerra da Peninsula, em cuja bibliografia se trabalha ainda com ardor, contrasta singularmente com a especie de esquecimento a que em Portugal se vota essa pagina da nossa historia militar, que a comemoração centenaria mal conseguiu iluminar por um momento.

Uma atenta observação, — perdôe-se-nos a afirmativa, que poderá parecer rude, — tem-nos convencido de que são em numero muito limitado, entre nós, as pessoas que têm uma noção verdadeira, precisa, nitida, do què a foi a guerra da Peninsula e do modo como os nossos recursos naturais foram aproveitados.

Este facto explica-se pelo abandono a que temos votado o assunto, mas embora se explique, não se justifica, porque a

guerra da Peninsula, com os seus antecedentes, não só resume toda a nossa historia militar dos ultimos cem anos, salvo as honrosas excepções da campanha de Montevideu e das recentes lutas em Africa, senão tambem abunda em exemplos de todas as situações militares, politicas e sociais que se nos podem oferecer, com farta materia de meditação.

Lá se nos deparam, com efeito, as massas populares, revoltas, intervindo violentamente nas operações militares e impondo-se pelo terror áqueles a quem incumbia dirigi-las; lá encontramos o merito e o valor impotentes em face da anarquia avassaladora; lá estão as multidões desvairadas, embora animadas de respeitavel sentimento patriótico, incapazes de resistirem á mais pequena brigada das tropas inimigas, a mostrarem-nos que só a ordem e a disciplina podem fazer soldados dignos do nome; lá vemos o levantamento da nação em massa, tornando a vida impossivel ao invasor; lá mostram os acontecimentos que a falta de preparação para a guerra, além de nos causar colossais prejuizos de ordem material, nos creou uma situação moral e internacional deprimentes; lá se prova que o soldado português, quando instruido e disciplinado, é sofredor, resistente, bravo; lá revelam as tropas milicianas exuberantemente a sua inferioridade nos combates com forças regulares; lá se exemplifica largamente a incursão pela fronteira do norte e pela da Beira Baixa; lá achamos a do Alemtejo, embora não realizada, prevista em todos os seus pormenores; lá temos a defeza concentrada, atrás das Linhas de Torres Vedras, e a proteção de Lisboa, pelo sul, com as outras Linhas, as de Setubal, que só não foram famosas, porque o rumo dos acontecimentos desviou para outro lado as massas invasoras; lá se nos oferece desenvolvido exemplo do aproveitamento dos nossos recursos materiais, chegando-se ao ponto de tornar navegavel o Douro, para transportar por ele, desde o Porto, até á fronteira, todo o material d'artilharia com que se levou a efeito o cêrco de Cidade Rodrigo; lá encontramos emfim, a par de muitos outros ensinamentos, um conjunto de providencias de toda a especie para alimentar, vestir, armar, municiar a disciplinar o exercito, que, se hoje não poderiam ser adoptadas integralmente, constituem todavia um grande modelo e uma rica fonte de inspiração.

O estudo desta guerra, não só na parte que teve por teatro Portugal, mas tambem naquella que se desenrolou em Espanha

é um verdadeiro curso de geografia militar da Península, concreto, aplicado.

Fóra dos exemplos que esses longos anos de luta oferecem, não é fácil imaginar outros, o que equivale a dizer que, quando um dia a guerra nos bater á porta, havemos de ver repetidas as campanhas peninsulares em alguma ou algumas das suas variadas situações. E esta nossa persuasão vai até o ponto de crermos firmemente que, se as eloquentes lições que elas nos ministram fossem mais bem conhecidas e meditadas em Portugal, certas organizações que o nosso exercito tem tido e muitos dos regulamentos com que varios serviços tem sido dotados, alguns dêles dum aparato incompativel com os nossos recursos, nem chegariam sequer a ser concebidos, e muito menos a ver a luz da publicidade.

Vem de longe a nossa mania da ostentação. Já no alvorecer do seculo passado, um dos nossos mais distintos escritores militares, ao tratar da organização dos parques de artilharia, escrevia estas judiciosas palavras; «aqueles que copiaram as relações das outras nações não fizeram mais que orçar em Portugal o que se devia pedir ao Arsenal de Paris, ou de Londres para a equipagem que só tem lugar naqueles paises».

Além dos ensinamentos que derivam do estudo da guerra da Península, e de que apenas apontamos os principais, outras vantagens dimanariam da difusão da sua verdadeira historia. Uma delas, e não das mais somenos, seria o acabar com certas inexactidões, que têm passado em julgado com fóros de verdades incontestaveis. Está neste caso a lenda dos «*bisonhos recrutados*». Temos ouvido bastas vezes, e até da bôca de pessoas de elevada categoria social, o que é grave, — porque em premissas falsas não assentam senão conceitos falsos, — que os «*bisonhos recrutados do 8* carregaram o inimigo no Bussaco, fazendo retroceder, desordenados, pela serrania abaixo, os «*heroicos soldados napoleonicos*».

Ora a verdade, atestada pelos livros de registo, ainda existentes no Arquivo do Ministerio da Guerra, é que nem nesse regimento, nem nos outros havia recrutados, pelo menos na acepção que actualmente, com a redução de tempo de serviço, damos a tal vocabulo. A quasi totalidade dos soldados, á data da batalha do Bussaco, era constituída por homens que tinham mais — e alguns muito mais, — de um ano de serviço activo.

constante, no qual se incluía a campanha do Douro e a entrada em Espanha para coadjuvar a expedição a Talavera.

Outra lenda que corre mundo, aceite por toda a gente, é a da tirania de Beresford. Não ha nada que não se tenha dito do organisador do exercito portuguez, que até já deu assunto para contos, onde o apresentam quasi como uma féra, insaciavel de sangue. Isto, sobre ser falso, é injusto.

Ao contrario do que se afirma geralmente, ele era humano para os soldados, a quem não consentia que se tirasse nada, o que, seja dito de passagem, não era a regra antes dele tomar o comando do exercito; e os soldados sabiam isso, e estimavam-no. Conta-se até que, regressando o marechal, uma vez, ao exercito, depois duma longa ausencia, os soldados o receberam aos gritos de: «Viva o nosso general, amigo das nossas barrigas!»

Se Beresford fosse a aplicar á letra os *artigos de guerra*, então em vigor, teria feito uma chacina sem igual, mas, pelo contrario, moderou-lhes muitas vezes a crueza, e centenas de praças, — lá o atestam os livros-mestres, — condenados pelos conselhos de guerra, lhe deveram a vida.

Os officiaes zelosos, conhecedores da sua profissão e amantes da sua carreira tinham nele um protector e uma garantia de que os seus direitos seriam respeitados.

Beresford, á parte qualquer violencia que a paixão politica o tenha levado a cometer, a partir de 1817, foi rispido, decerto, mas nem doutra fórma teria conseguido fazer um exercito, digno do nome, do simulacro de força armada que aqui encontrou. De resto, a sua rispidez, que estava nos costumes do tempo, ficava ainda assim a perder de vista em comparação com a de Wellington, que chegava a desacatar os proprios generais do seu exercito, conforme relatam os seus biografos.

A fama que atinge Beresford, alcança tambem um pouco, pela pena de muitos escritores nossos, os restantes officiaes britannicos. A verdade, porém, confirmada por muitos *Diarios* e *Memorias* desse tempo, é que as relações entre eles e os portuguezes, salvo pequenas excepções, que não alteram a regra, foram em geral affectuosas.

Erros desta natureza, assim espalhados levemente, criam uma atmosfera de animosidade e opinião preconcebida, que, além de injusta, nos póde ser nociva, se um dia nos encontrarmos de novo nos campos de batalha, ao lado dos nossos ir-

mãos d'armas da guerra da Peninsula, em conjuntura daquelas que demandam harmonia e a mais leal e sincera camaradagem.

A reorganização do exercito portuguez, em 1809, foi uma obra honesta e muito superior á de Lippe, pois ao passo que este ou alguem á sombra do seu nome, encheu o exercito de aventureiros, os officiaes ingleses que Beresford meteu nas nossas fileiras, eram honrados e dos mais distintos que a Inglaterra tinha.

A associação de ideias tem-nos afastado do nosso objectivo, que era afinal e simplesmente chamar a atenção do leitor para o salutar exemplo que nos deram os officiaes britannicos, que ha pouco estiveram entre nós, estudando a nossa grande e póde-se dizer unica guerra dos tempos modernos, na metropole.

Os historiadores ingleses são unanimes em dizer que o malogro da expedição do general Moore se deve em parte á falta de conhecimento que os portuguezes tinham do seu país, pois não houve aqui um official que fosse capaz de o informar ácerca das estradas viaveis para a artilharia.

Ora são labeus destes, bem como as suas consequencias, que nós devemos evitar, entregando-nos ao estudo do nosso país, no ponto de vista concreto da sua defesa, e para isso não ha *manual* que valha a historia da guerra da Peninsula.

Não pretendemos todavia concluir do que deixamos dito, que nos devemos limitar a estudar as campanhas peninsulares, pondo de parte, por inutil, o conhecimento de tantas e tão importantes guerras, que desde então ate os nossos dias se tem travado em varios países da Europa e da Asia. Enganar-se-ha quem assim interpretar as nossas palavras.

O que entendemos é que entre todas, ela tem para nós uma importancia que nenhuma outra póde igualar; que a sua historia deve ser familiar a todos os nossos officiaes; que, assim como nas faculdades de letras, em França, se faz um curso especial de historia da Revolução, pela importancia que os acontecimentos daquela agitada quadra tiveram na vida da patria, assim tambem nós deveriamos ter na nossa Escola de Guerra, seu legitimo lugar, um curso especial sobre a guerra da Peninsula, que se prolongasse, quer em comentarios e estudos no gabinete, quer em excursões no campo, pelo praso minimo de um semestre, em vez de a nivelarmos em importancia com as

outras, consagrando-lhe apenas meia duzia de fugitivas lições, como actualmente, o que de pouco ou nada serve.

Ao sair da Escola, para encetar definitivamente a sua carreira, cada official traria uma orientação definida, ideias precisas sobre o que fôra e o que poderia ser a guerra no seu país, e os seus estudos ulteriores viriam esclarecer essas noções, modificando-as certamente ao influxo das ideias modernas, sem todavia lhes destruir a unidade.

As nações pequenas têm sobre as grandes a vantagem, que não devem desprezar e que lhes provém da propria pequenez, de poderem conhecer-se melhor, e se o nosso exercito não póde hobrear na quantidade com os doutras nações, possa ao menos excedê-los na qualidade.

TEIXEIRA BOTELHO

Maior d'artilharia



SINTESE

Da aplicação da fortificação na defeza dos Estados

Desde os mais remotos tempos, que o homem aproveitou o terreno para aumentar a sua força defensiva e adquirir vantagens sobre os seus inimigos; uma cova, um ribeiro, um rochedo, uma dobra de terreno, satisfaziam ao fim em vista. Nos sitios em que tais obstaculos não existiam, ocorreu-lhe a ideia de construir, á semilhança dos obstaculos naturais, e removendo o solo; obras artificiais, que pela evolução se foram desenvolvendo e aperfeiçoando, até se nos apresentarem nas grandiosas fortificações dos tempos modernos.

Examinando todos esses trabalhos, tem-se pretendido reconhecer, que os de uma mesma epoca, revelam frisantes analogias e daí o subordinar-se a certos metodos ou sistemas o emprego da fortificação na defeza dos estados, nessas diversas epocas, sistemas que podem resumir-se em:

- 1.º — Reparos ou linhas continuas de fronteira;
- 2.º — Fortificação individual;
- 3.º — Linhas descontinuas de fronteira ou cordons de forte-
resse;
 - a) — Sistema de praças isoladas;
 - b) — Sistema concentrico;
 - c) — Sistema radiante;
 - d) — Sistema mixto ou intermediario;
 - e) — Sistema moderno (compreendendo — as linhas de defeza ou rideaux defensiva, as regiões fortificadas, polygono de defeza concentrada, etc.
- 4.º — Fortalêsas estrategicas

Os dois primeiros metodos occuparam um grande periodo durante o qual as guerras ficaram subordinadas á situação das fortalezas e a guerra de sitio adquiriu uma enorme importancia. Assim, vemos ainda durante as guerras da revolução francêsa, os exercitos invasores gastarem as suas forças em sitios demorados ás praças das fronteiras de nordeste e leste, e as poucas batalhas feridas, como Valmy, Jemappes, etc., resultarem como mera necessidade de desbloquear essas praças. Mais modernamente, em 1866, vemos Benedeck, depois de Sadowa, abandonar a linha de retirada da capital, para se encostar a praça de Olmutz, o que permitiu aos prussianos acabar rapidamente a campanha.

Pois já muito antes, Turenne, tinha expendido a ideia de que o exercito não devia subordinar as suas operações á situação das praças, mas, pelo contrario, estas é que deviam ser construidas em pontos principais dos teatros de operações; este principio, foi porém, desprezado e esquecido, e só Frederico, num rasgo de genio, abandonou uma vez a rotina e empreendeu essa grandiosa operação estrategica, que o levou á victoria de Rosbach.

Os exercitos continuavam, porém, marchando numa só columna, o que, não lhes permitindo aproveitar os recursos do territorio que atravessavam, os obrigava a recorrer a depositos estabelecidos em praças distanciadas de 4 a 5 dias de marcha. Nestas condições, qualquer fortificação inimiga, por mais pequena que a sua guarnição fosse, que o exercito deixasse á retaguarda, constituiria para ele um perigo constante.

Com a revolução francêsa, appareceu o principio do reabastecimento pelos recursos locais e com ele a necessidade da marcha em varias columnas tão bem dirigida no principio de Carnot — «dividir para viver, reunir para combater» — e que Napoleão soube aplicar com a pericia de um grande mestre. As operações mudam de aspecto, o exercito de campanha quebra a grilheta que o prendia ás praças de guerra, aparecendo então o 4.º grupo de fortalezas a que nos referimos e passando o sistema defensivo dos Estados a ser determinado por considerações estrategicas.

De cada um desses sistemas, vamos agora occupar-nos muito ligeiramente, de forma a conservarmo-nos dentro do campo de um despretençioso artigo, como o que estamos escrevendo.

1.º SISTEMA

Linhas continuas de fronteira

Consistia este sistema na construção junto á fronteira de um simples reparo ou muralha, que algumas vezes era torreada como a da China, ou tinha fosso, a qual ou abrangia todo o Estado, ou uma porção de terreno tal que pudesse conter toda a população.

Como se vê, tais linhas exigiam um esforço enorme aos habitantes que a construiam, o que, no entanto, praticavam de bom grado, pelo horror que tinham ás guerras, que nessa epoca originavam enormes crueldades. Tambem para serem levadas a efeito, era necessario um grande trabalho; exigiam depois um grande numero de tropas para a sua defêsa, provocando uma grande dispersão de esforços que as tornava fracas em todos os pontos, como a historia prova, e não evitavam a fortificação individual.

Podem apresentar-se como exemplos deste sistema:

O reparo construido por Ramsés II entre Peluse e Heliopolis, que tem 150^k de extensão;

A muralha da China, terminada no III sec.º a. J. C., com 2:400^k d'extensão;

Os reparos romanos de Adriano, Antonino e Septinio em Inglaterra;

A muralha do Caucaso, entre o mar Negro e o mar Caspio, construida pelos arabes;

As linhas de Villeroy, construidas pelo marechal deste nome, durante a guerra da sucessão de Espanha (1701) e que vão do Escalda ao Mosa;

As linhas do Canche, construidas por Villares, que se estendem do Canche ao Mosa;

As linhas de Vissemburgo;

As linhas do Queich, construidas em 1760, durante a guerra dos 7 anos;

2.º SISTEMA

Fortificação individual

Com o aparecimento do feudalismo e com as comunas, constituíram-se por assim dizer inumeros estados dentro de cada Estado e a fortificação tomou um incremento extraordinario, applicando-se como meio de protecção a todas as povoações e dominios particulares.

O grande inconveniente deste sistema consiste no grande numero de fortalezas, que, além de obrigar a uma dispersão das forças do país, exigiria uma tal soma de recursos pecuniarios, que nenhum Estado poderia suportar tal encargo.

3.º SISTEMA

Linhas descontinuas de fronteira

Este sistema fez o seu aparecimento com os exercitos permanentes resultando da necessidade de se opôr na fronteira uma barreira á marcha do invasor. Desta forma, este na sua marcha de invasão, sobrecarregado com viveres, bagagens, etc., esbarrando com essas praças a que tinha de pôr cêrco, aí ficava até que o inverno o obrigava a interromper as operações, para as recommençar no ano immediato. Então, a defeza, aproveitando o enfraquecimento do inimigo exausto por essa série de sitios demorados, saía a batê-lo em campo raso.

A colocação das praças obedecia apenas a considerações de ordem geografica, sendo geralmente dispostas em três linhas. Os engenheiros franceses, examinando os trabalhos de Vauban, quizeram vêr na disposição das fortalêsas existentes, umas certas relações geometricas, donde resultaram alguns metodos, que vamos apresentar.

Metodo de Cormontaigne. Segundo ele, um grande país deveria ser coberto na fronteira, por três linhas sucessivas de fortalêsas. Nos países planos, essas obras deveriam manter-se: *1.ª linha*, 4 a 5 leguas de intervalo, pequenas fortalêsas com 4 a 5 baluartes; *2.ª linha*, praças de média grandêsa (8 a 10 baluartes) intervaladas de 8 a 10 leguas e correspondentes a intervalos alternados da primeira linha; *3.ª linha*, três grandes praças (15 a 20 baluartes) situadas nos intervalos das precedentes, um

intervalo sobre dois, e intervaladas de 15 a 20 leguas. (Vide fig. 1.)

Para êle esta barreira devia ser impenetravel não supondo nenhum inimigo capaz de a forçar em menos de três anos.

Quando o terreno não fosse plano apresentava êle um sistema de compensação em que os obstaculos naturais, como por exemplo o Rheno, equivaliam a uma linha de fortalezas, e uma montanha como os Vosges, a uma outra linha.

Método do general Michand d'Arçon. E' analogo ao anterior ficando em 1.^a linha as praças mais fortes e reduzindo-se os intervalos.

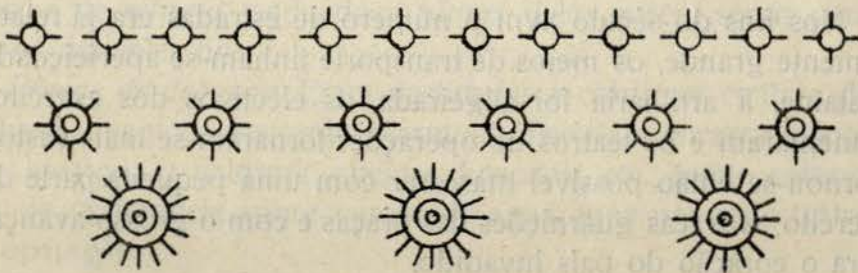


Figura 191

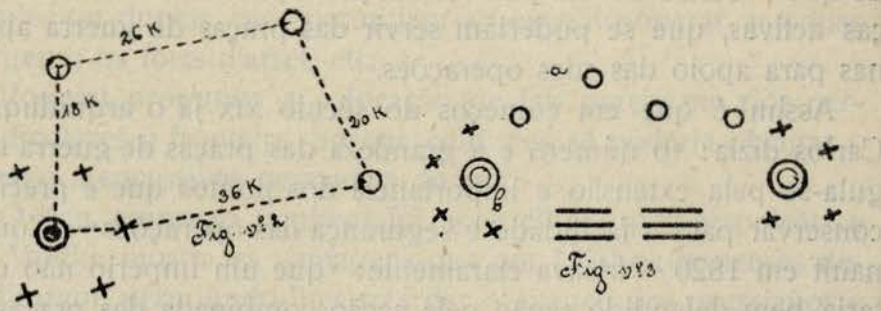


Fig. 192

Método de Noizet. A repartição das praças ao longo da fronteira, diz ele, deve adequar-se á natureza do territorio. Basta guardar as principais passagens e sómente nestas estabelecer três ordens de praças que não estejam afastadas umas das outras mais de 6 a 7 leguas. As de 2.^a linha devem ficar vis-a-vis ao intervalo das primeiras a fim das guarnições poderem avançar até meio caminho das praças visinhas e opôr-se á passagem dos corredores inimigos que procurem penetrar na praça durante a noite. Acrescenta mais que a natureza do terreno não

admitirá sempre estas relações geometricas cabendo ao engenheiro o examinar e pesar as razões que o devem levar a construir uma obra num determinado ponto.

Como se vê, de todas estas idéas, não se destaca o papel que incumbe ao exercito de campanha, nem o apoio que as praças lhe poderão prestar, atendendo-se especialmente ou quasi exclusivamente ás condições geograficas das regiões que se pretendia fortificar.

4.º SISTEMA

Fortalezas estrategicas

Nos fins do século XVIII o número de estradas era já relativamente grande, os meios de transporte tinham-se aperfeiçoado bastante, a artilharia foi aligeirada, os efectivos dos exercitos aumentaram e os teatros de operações tornaram-se mais vastos. Tornou-se então possível mascarar com uma pequena parte do exercito as fracas guarnições das praças e com o grosso avançar para o coração do país invadido.

Isto veio modificar a maneira como anteriormente se applicava a fortificação na defesa dos estados e fazer fructificar a ideia de que a defesa de um país residia principalmente nas suas forças activas, que se poderiam servir das praças de guerra apenas para apoio das suas operações.

Assim é que em começos do século XIX já o arquiduque Carlos dizia: «o número e a grandeza das praças de guerra regula-se pela extensão e importancia dos pontos que é preciso conservar para a facilidade e segurança das operações» e Cour-nault em 1820 — frisava claramente: «que um imperio não estaria bem defendido senão pela acção combinada das praças e dos exercitos, mas principalmente destes, pois as praças nada mais faziam do que tornar a defesa mais vantajosa».

Apesar da vulgarisação destes principios alguns militares houve que continuaram pugnando pelas antigas idéas. Entre eles aparece Jomini que, quando após a queda do primeiro imperio se tratou em França da necessidade de uma nova organização defensiva, continuou afirmando a necessidade de se constituirem três linhas de praças: uma na fronteira, outra no interior e uma terceira para protecção do objectivo principal. Tambem em 1859 ainda Noizet propunha que se fortificassem

todas as cidades de maior importancia, na proximidade da fronteira, e que num país plano se deveriam ainda pelo menos, construir quatro praças.

O principio da subordinação das fortificações aos planos de campanha estava porem já completamente admitido e a divergencia agora só consistia na forma da sua applicação, do que vamos tratar.

a) Praças isoladas

Neste sistema as praças não tinham relações algumas entre si e, conforme o principal papel a que eram destinadas, assim se consideravam como *praças de manobra, de deposito, de apoio* e de *refugio*, podendo qualquer delas porem servir para outros daqueles fins.

Praças de deposito. Eram destinadas a cobrir os centros de reabastecimento e, segundo Marmont, deveriam encerrar depositos de toda a natureza, oficinas, hospitais, etc., sendo colocadas de preferencia sobre cursos de agua, uma por cada teatro de operações.

Praças de manobra. Serviam de apoio ao exercito facilitando-lhe os seus movimentos e contrariando ou impedindo os do inimigo. Estavam neste caso, por exemplo, as testas de ponte, simples ou duplas, pois permitiam ao exercito operar nas duas margens; os forts d'arret, etc.

Rogniat propunha a colocação de tais praças em rios perpendiculares á fronteira, porque com elas se poderia obrigar o inimigo a sucessivas passagens do rio.

O seu emprego tambem foi aconselhado por Napoleão, e até Moltke mostra as vantagens que em 1870 os franceses delas tiraram, permitindo-lhes retardar o avanço dos prussianos e levantar exercitos na provincia.

Praças de apoio. E' um caso particular das praças de manobra, quando estas servem de apoio a uma ala do exercito por onde passa a sua linha de comunicações. Quando tal apoio fosse apenas passageiro chamava-se-lhes *peão de manobra*.

Praças de refugio. Eram praças com a capacidade sufficiente para receber os exercitos batidos permitindo-lhes o reorganizar-se.

Campos entrincheirados. Grandes praças constituídas por um recinto fortificado, fortes destacados e outras obras, que se

apoiam mutuamente, obrigando o atacante a empregar um grande número de forças no seu investimento e a gastá-las no ataque e ocupação sucessiva das diferentes obras.

Nem por isso tais fortificações podem impedir outras operações simultaneas, dado os enormes efectivos dos modernos exercitos, nem quebrar o conhecido aforismo: exercito investido é exercito perdido. E' verdade que as tropas sitiadas tem a vantagem de manobrar por linhas interiores mas tambem é verdade que embora a aparente dispersão das forças sitiadas, como as sortidas não poderão fazer-se em massa, por surpresa, haverá sempre tempo de estes reunirem as forças suficientes para uma batalha campal, fazendo recolher aqueles á praça.

Sistema concentrico

Neste sistema as praças são dispostas em linhas paralelas á fronteira, desde esta até ao interior do país. Os principais dispositivos conhecidos são: *de Rogniat* que queria uma primeira linha proxima da fronteira, aproveitando os obstaculos naturais e interceptando os desfiladeiros; mais para o interior do país construcção de um pequeno número de grandes obras junto dos nós de vias de comunicação e finalmente a fortificação da capital e das cidades importantes mais expostas. A colocação destas obras devia obedecer a considerações estrategicas, preconizando tambem, o emprego dos campos entrincheirados.

De Jomini, a que já nos referimos e que era constituido por uma linha de três grandes praças, na fronteira, outra de igual número no interior, e finalmente o objectivo principal, em terceira linha, protegido por uma grande praça.

Sistemas radiantes

Como o seu nome indica, consistiam no estabelecimento de linhas de fortalezas, seguindo as principais linhas de invasão, permitindo á defesa atacar o invasor de flanco ou de revez. Pertence a este sistema o dispositivo do general Paischans.

Depois de demonstrar que na guerra é necessario não disseminar as forças, propõe ele o seguinte, que está em desacordo com as suas premissas: — 1.º estabelecer na fronteira uma linha de fortalezas; 2.º, sobre cada linha de invasão, organizar uma

ou duas grandes posições fortificadas; 3.º, ligar estas entre si assim como com a fronteira e interior do país, por meio de fortes, testas de ponte, praças, etc.; 4.º, fortificar a capital.

Sistema misto

Dispositivo do coronel Cournault. É um dispositivo formado por uma serie de fortalezas escalonadas desde a fronteira até ao coração do país, de modo a limitar o movimento retrogrado do exercito após um cheque e a oferecer-lhe uma serie de pontos de apofo, devendo tais obras ser construidas em pontos estrategicos importantes sem nenhuma relação de distancias entre as obras.

Dispositivo de Brialmont. Este general em 1863 expunha idéas analogas ao antecedente querendo que fossem devidamente fortificados na fronteira os pontos estrategicos importantes, como as passagens de desfiladeiros, etc. e que para a ofensiva se construíssem praças de deposito, devendo igualmente fortificar-se os portos de mar. Para a retaguarda algumas étapes, nas proximidades das linhas de operações dos exercitos invasores, deveriam tambem construir-se algumas praças de refugio e finalmente no centro do país, como último reducto uma região fortificada, que, em regra, cobriria a capital.

Sistemas modernos

Os sistemas que acabamos de descrever não podiam satisfazer aos fins em vista; não só por se tornarem muito dispendiosos, por obrigarem á disseminação de forças, por serem mais ou menos rígidos, mas tambem porque na realidade não ofereciam ao inimigo uma barreira grandemente resistente.

Tais obras, não poderiam servir de apoio aos exercitos, pois aqueles que nelas se apoiassem correriam o risco de para elas serem repelidos e bloqueados, muito embora elas sejam campos entricheirados.

Numerosos factos historicos o comprovam,

Se em vez de uma só praça, ou dos sistemas apresentados, em que as praças, embora com uma certa relação de simetria, não, tinham relação de concordancia defensiva ou apoio reci-

proco¹, se adoptar um sistema ou agrupamento de praças cuja situação satisfaça a esta ultima condição, os inconvenientes apontados desaparecerão na maioria.

Neste caso estavam os quadrilateros *Veneziano* (Verona, Legnano, Mantua e Peschiera) e *Bulgaro* (Varna, Silistria, Rouschouck e Schoumla).

O primeiro teve um importante papel em 1848, como peão de manobra do exercito de Radetzky, em 1859 impedindo o exercito Franco Italiano de passar o Adige, e em 1866 permitindo ao Arquiduque Alberto ganhar a batalha de Custoza.

Um papel identico desempenharam as praças do *NE* da França permitindo a organização do exercito de Feidhevbe e apoiando a sua manobra.

Destes dois dispositivos das praças resultaram os dois sistemas modernos: *as regiões fortificadas* e os *rideaux défensives* (linhas de defeza).

Já em 1816 o general *Maureilant* tinha visto a questão desta maneira, mas não a exprimiu bem. Assim é que ele apresentou os seguintes principios para a aplicação da fortificação na defeza da França: estudar os pontos perigosos de cada fronteira, escolher em cada uma, uma ou mais posições onde os exercitos se reunissem para apurar do conjuncto na ofensiva ou de-

¹ Ainda hoje é discutido qual seja o raio de acção de uma praça. Para uus como Delair, S. Teles, etc., ele é limitado pelo maior alcance da artilharia da praça; para Clawswitz, depende da capacidade da praça, devendo nas grandes praças de fortes guarnições, variar entre 20 e 30 quilometros, e nas pequenas limitar-se ao circulo formado pelas aldeias proximas; para Brialmout, tratando-se de regiões fortificadas, o raio de acção poderá ser de duas a três étapes da praça peão, visto o exercito poder retirar em varias direcções sem ser cortado.

Para nós, quer se trate de uma praça, campo entrincheirado ou região fortificada, o raio de acção deve ser função de varios factores, entre os quais póde apontar-se como principais, o armamento, efectivos, instrução e força moral das guarnições das praças do exercito de campanha amigos e inimigos. O exercito da defeza, antes de se recolher á praça deve combater no exterior e só pela força das circunstancias retirar passo a passo aproveitando obstaculos naturais, obras de fortificação, etc. Se a sua força é grande, o seu moral levantado, o terreno favoravel, etc., poderia afastar-se mais pois não temerá o perigo de perder o apoio da praça, sendo cortado dela: caso contrario deverá operar na sua proximidade, protegida pelas suas peças e apoiado pela sua guarnição normal.

fensiva; proteger esta posição central por um grupo de praças que permitissem ao exercito reunido, marchar em qualquer direcção, tomando para base uma ou mais daquelas praças, e dar a essa região assim fortificada uma extensão variavel com as circunstancias locais, mas tal que o exercito se pudesse concentrar sobre o centro ou uma das alas, durante o tempo que o inimigo procurasse reunir as suas forças para atacar o grosso do exercito ou efectuar um movimento torneante; organizar no interior do país, para reunião dos exercitos de segunda linha, ou para recolher os da primeira, um segundo escalão de posições escolhidas e dispostas como na fronteira; finalmente fortificar a capital.

Estes principios foram adoptados para base de trabalho da comissão francesa que funcionou de 1818 a 1821, mas em 1870 ainda a França conservava o antigo sistema de cordões, tendo apenas introduzido alguns melhoramentos nas fortificações do Langres e Metz, feito o campo entrincheirado de Paris e organizado as fortificações de Lyon.

Em 1840 Willissen, tratando da defeza de Paris, disse que uma das formas de impedir o avanço do inimigo sobre a capital seria crear uma posição de flanco, sobre a principal linha de invasão, constituida por um grupo de três ou quatro praças cuja ligação estivesse assegurada com o coração e principais centros de recursos do país. Prescrevia que essas praças ficassem aproximadamente a uma ou duas étapes umas das outras, de forma que o inimigo não pudesse passar entre elas e que o exercito da defeza pudesse ir de um angulo do triangulo ou quadrilatero, a outro, para cair sobre o flanco do inimigo em marcha. Estas praças seriam colocadas, sobre um curso de agua ou desfiladeiros conduzindo ao mesmo centro de forma ao exercito poder marchar reunido ao encontro das forças inimigas assim separadas em varias colunas por tais obstaculos.

Examinando bem este sistema vê-se que as praças não podiam satisfazer ao que Willissen pretendia senão quando estivessem distanciadas de uma étape, além de, como se vê, as suas concepções bem como alguns exemplos que apresenta, serem bastante vagos.

A seguir veio *Délair* tambem tratar da questão mas não a apresentou claramente, não valendo a pena a apresentarmos as suas ideias.

Sére de Rivière que conhecia e aprovava as ideias de Mau-reillant, fez uma aplicação judiciosa mas incompleta do seu sistema e apresentou ao *Comité de Defeza* um sistema de defeza do França que finalmente foi aceite e que é o dos *rideaux défensives* a que nos referimos.

Resume-se ele no estabelecimento, em certas porções de fronteira, de uma linha de fortes de barreira *a* (fig. 3) ligando dois campos entrincheirados *b* distanciados de duas *étapes*. (Vidé croquis).

Dois são os fins a que visa este sistema:

1.º — servir de apoio ás tropas de cobertura, protegendo a concentração do exercito, e creando por assim dizer, uma fronteira artificial, nos pontos onde o terreno não se preste á defensiva; 2.º — canalisar a invasão, permitindo a defeza cair sobre o flanco das colunas invasôras.

Quanto á primeira parte, o fim será obtido dentro das condições de resistencia que suporemos existirem nos fortes de barreira; quanto á segunda, é duvidoso, que, durando as batalhas hoje dois e mais dias, o esmagamento das colunas se não dê, por poderem ser socorridas a tempo. Então ou ali se dará a batalha geral ou algumas colunas forçarão a passagem noutros pontos flanqueando o exercito da defeza. A vantagem dos *rideaux* seria completa se eles fossem mais extensos.

Este sistema defensivo da França tem sofrido a critica de alguns escritores e principalmente dos alemães. Dos franceses o que mais o atacou foi o grande critico *Gilbert*, apresentando uma quasi uniformidade de vistas com o escritor mililar alemão von Bernhardt. Mostra ele os perigos que podem advir da existencia de tantos campos entrincheirados, insufficientemente preparados no acto de ruptura de hostilidades, criticando ainda a situação dessas fortificações e o não se ter fortificado Nancy.

Apresenta tambem esse escritor militar um sistema seu que consiste em resumo: 1.º — nos teatros de operações secundarias, onde se procura adoptar a defensiva estrategica, fazer um largo emprego da fortificação permanente, sobretudo quando a neutralidade dos países visinhos, ou a presença de fortes montanhas, garantam ás praças o tempo para se mobilisarem; 2.º — no teatro principal visar exclusivamente a guerra de movimentos pedindo apenas a fortificação auxilio para estes, o que se obterá com a construção de algumas testas de ponte; 3.º — á rectaguarda organizar uma linha de defeza que limite ao campo

fechado das primeiras batalhas, os progressos do inimigo victorioso.

Outro sistema de grupamento de praças é, como dissemos, o *das regiões fortificadas*, preconizado por *Briaumout* e baseado igualmente nas teorias de *Maurcillout* e *Willissen*. (Vide croquis).

Segundo *Briaumout*, uma região fortificada, deve ter os seguintes característicos:

- 1.º — Deve ser bastante grande para que o exercito da defeza se encontre ao abrigo de um bloqueio, mas não tanto que o inimigo o possa atacar fóra do raio de acção das praças, passando entre elas. Basta para isso que as praças fiquem distanciadas de 25 a 30 quilometros pois que, defendendo o exercito o lado ameaçado os seus planos ficarão garantidos pela defeza eficaz de duas praças. (Vide fig. 2);
- 2.º — O numero de praças da região é determinado pela configuração do terreno, numero e importancia das vias de comunicação, etc., podendo com elas formar-se um triangulo ou quadrilatero. Se os lados destas figuras ficarem com grandes dimensões, construir-se-ha no centro uma praça;
- 3.º — Caso exista a praça central, ou, caso contrario, a mais afastada dos lados mais provaveis de ataque, deve ser um campo entrincheirado, podendo este ainda ser construido noutro qualquer vertice se ele contem algum centro importante de recursos onde o exercito tenha de apoiar-se durante a manobra. As outras praças são apenas de apoio, com uma guarnição movel de uma brigada mixta ou excepcionalmente de uma divisão.
- 4.º — As comunicações entre as diversas praças, devem ser faceis e seguras, protegidas por obras de campanha, e desenhadas das vistas do inimigo, e deve pelo menos haver duas, uma directa e outra indirecta, mais para o interior;
- 5.º — O interior da região deverá ter varias posições fortificadas e se por elas passar algum rio, deverão construir-se, na ocasião da mobilisação, pontes improvisadas, protegidas por reductos, baterias ou trincheiras.

6.º — As praças devem poder resistir a um ataque á viva força, executado na ausencia do exercito e para isso devem possuir um armamento, perfil e flanqueamento eficazes e serem apoiadas por uma reserva movel, que ocupa o centro da região. Esta reserva e as guarnições das praças constituem a guarnição normal da região, que deve ser organizada com tropas de 2.ª linha.

Com este grupamento de praças, pretende Brialmout evitar os inconvenientes dos campos entrincheirados isolados e deste sistema faz applicação a defeza dos estados, que se póde resumir no seguinte:

- 1.º — *Fortificar a capital*, se esta é um objectivo estrategico decisivo e para isso estabelecer três campos entrincheirados permanentes, cujos fortes mais proximos distem da cidade mais que o maior alcance das bocas de fogo de sitio, afim de a subtraír aos efeitos de um bombardeamento, e dispôr tais campos em região fortificada. Quando o objectivo decisivo fôr outro, deverá, apenas, construir-se um campo entrincheirado de difficil bloqueio.
- 2.º — Fortificar os cruzamentos das vias de comunicação internacional mais importantes construindo-se testas de ponte, se houver rios, ou mesmo regiões fortificadas, e no caso de não haver uma barreira fluvial, fortificar-se há um ponto importante escolhido no interior junto á linha de operações do inimigo.
- 3.º — Numa fronteira aberta, construir sobre a linha de operações do inimigo para lhe ameaçar o flanco ou a retaguarda, uma região fortificada, e no caso de duas linhas de invasão proximas coloca-la numa posição intermedia.
- 4.º — Numa fronteira montanhosa, colocar a região fortificada numa posição central á retaguarda, para servir de peão de manobra ao exercito da defesa, e interceptar as principais passagens por fortes de barreira e construir varias obras de fortificação passageira.
- 5.º — Fortificar os portos que contenham arsenais ou que sirvam de abrigo ou de base de operações ás esquadras.
- 6.º — Construir uma grande praça nos teatros de operações muito afastados do teatro principal da guerra.

Quasi na mesma ocasião em que Brialmont apresentava o seu sistema, um outro escritor militar belga, Vandevelde, apresentava as bases de um novo sistema, a que chamou *de defesa concentrada*, que tem grandes analogias com aquele, apesar de ter originado uma grande polemica entre eles.

O sistema de Vandevelde resume-se na fortificação de uma posição central, cobrindo a capital, na construção de um campo entrincheirado sobre cada linha principal de invasão, para a defesa lateral e operações á retaguarda do invasor, e na defesa dos portos principais. Tais obras deveriam estar afastadas da fronteira, onde nenhuma obra seria construída evitando-se a dispersão de forças, e a sua situação relativa seria uma função das forças de que o país dispuzesse, terreno, etc. devendo ficar distanciadas de 3 a 4 étapes da base central.

Em 1884 o ex.^{mo} sr. general Sebastião Teles, mostrando a pequena divergencia que havia entre as opiniões de Brialmont e Vandevelde, e não concordando inteiramente com qualquer daqueles sistemas apresentou um novo sistema a que chamou *tipo normal*.

Para o seu sistema admite a parte comum dos dois sistemas anteriores (poligono de defesa de Vandevelde e 2.^a e 3.^a linhas de Brialmont) mas pelo que diz respeito á fronteira propõe a sua defesa simplesmente com fortes de barreira. Ele pode resumir-se pois em:

- 1.^o — Defender por meio de fortes de barreira, junto da fronteira, os caminhos de ferro e desfiladeiros de grande importancia strategica;
- 2.^o — Á retaguarda, sobre as principais linhas de invasão, em pontos estrategicos importantes, construir um campo entrincheirado.
- 3.^o — Cobrindo o centro de defeza do país, que póde ser a capital ou não, construir um grande campo entrincheirado.
- 4.^o — Nos pequenos estados deve-se ser o mais parcimonioso possivel nas fortificações do poligono, podendo até empregar-se a fortificação provisoria.

Como se vê este sistema está compreendido naquêle a que chamámos concentrico, tendo como ele o defeito de em grande parte se inclinar para a geometria.

Em 1894, o mesmo Ex.^{mo} General numa nova edição e em presença do progresso trazido aos meios de guerra, altera o seu sistema, depois de mostrar que nem sistema francês, a que já nos referimos, nem o sistema alemão (deslocamento do polígono defensivo até á fronteira) solucionavam a questão. Propõe agora que se construam dois poligonos, cobrindo um a fronteira e outro a zona da defeza concentrada, de forma que as fortificações deste sejam os centros dos sectores formados pelas obras do primeiro. Admite ainda que nem sempre será necessario construir os dois poligonos.

Independentemente deste sistema, como todos os outros escriptores propõe tambem o emprego de fortificações maritimas para defeza dos principais portos que sirvam de abrigo ás esquadras e navios de comercio, fortificações que devem ser muito completas, tanto na construção como no artilhamento. Nos outros locais da costa, menos importantes mas onde se possam efectuar desembarques devem construir-se apenas obras de campanha que permitam á defeza movel acorrer a tempo a esses pontos.

Chega agora o momento de nos referimos á Alemanha. Neste país a fortificação foi quasi esquecida apóz as brilhantes victorias de 1870. Dedicando-se ao aperfeiçoamento e engrandecimento do seu exercito de campanha, conscios do seu grande valor, os alemães quasi que nele depositavam exclusivamente a defeza do seu territorio.

O seu inimigo de sempre, porém, refez-se dos desastres sofridos e em pouco tempo mostrou-se capaz de numa ofensiva rapida passar a fronteira e recuperar os territorios que lhe foi obrigado a ceder, antes mesmo de se defrontar com as suas forças, e a alemanha viu-sa na necessidade de, pelo seu lado, dificultar essa operação, tratando de se fortificar.

O sistema seguido foi aproximadamente o de Brialmout e assim, alem das obras do interior construíram já as regiões fortificadas de Innstein, Neu-Brisach, de Molsheim e de Thionville, além das regiões fortificadas de Metz e Strasburg a que deram um desenvolvimento enorme e de varios outros pontos que teem fortificado.

É claro que logo alguns escriptores militares alemães vieram expor a sua opinião sobre o assunto e deles destacamos como mais importante Beseler e Blume.

O general *von Beseler*, antigo inspector de engenharia começa por condenar o sistema francês que acusa de excessivamente defensivo, pois se deve ter em vista que embora no inicio as fortificações da fronteira possam ter um tal caracter, como apoio das tropas de cobertura, proteção da concentração, etc. tal papel deve ser passageiro e antes permitirem ou cooperarem com o exercito de campanha numa vigorosa ofensiva. Tal será por exemplo o caso de uma praça testa de ponte sobre um curso d'agua da fronteira ou proximo dela.

Ainda como pontos de apoio poderão constituir-se obras de fortificação em 2.^a linha sem necessidade porem de tão grande capacidade de resistencia visto não serem sempre de utilidade certa, pois o invasor póde tomar direcções diferentes daquelas onde elas estão situadas. Para algumas, em virtude do papel a que são destinadas, impôr-se-ha a sua solidez, completo artilhamento e grande desenvolvimento.

Como exemplo de praças de fronteira cita Strasboug que guarda uma importante passagem de Rheno e possui uma força ofensiva suficiente para ameaçar as comunicações das tropas francesas que invadam o Bâde, obrigando-as assim a immobilisar-se em grande parte, no investimento da praça.

Sobre as fortificações de costa quer ele que elas tenham um grande poder ofensivo pois só assim permitirão ás esquadras que nelas se apoiem, manobrar com segurança, saírem do porto e tomarem disposições para o combate. É preciso tambem que possam resistir aos ataques feitos por terra ou por mar devendo a potencia da sua artilharia ser o maior possivel, para obrigar as esquadras inimigas a manter-se a grandes distancias. Satisfarão hoje a esse fim peças de calibres 30,5 34 e 36,8.

As opiniões de Beseler são perfilhadas pelo general von Bernhardi.

Pelo seu lado Blume continua a mostrar-se um pouco descrente sobre o futuro papel de fortificação permanente. No entanto apresenta os fins estrategicos em que ela póde servir e que são os seguintes:

- 1.º — Apoio de cidades importantes, e sendo impossivel fortificar todas escolher aquelas que certas condições especiais justifiquem o que sucederá quando elas possam

- desempenhar um papel importante nas operações duma campanha.
- 2.º — Proteção das zonas de reunião dos exercitos. Evitar-se-ha assim a alteração no plano de campanha fixado o que poderia causar perturbações graves. Nas zonas mais sujeitas aos ataques do inimigo deve pois recorrer-se á fortificação ¹.
 - 3.º — Proteção contra a perseguição. Tais praças permitirão ás forças batidas o refazerem-se e poderem retomar a ofensiva, limitando assim a perseguição do vencedor.
 - 4.º — Proteção dos depositos e postos détape. Isto compreende-se pela necessidade de ter sempre garantidos todos os centros de reabastecimento dos exercitos. No caso de uma ofensiva, um certo numero de depositos convenientemente fortificadas, devem ser estabelecidos na fronteira e egualmente os postos détape estabelecidos em país inimigo, porque assim se obtem linhas de comunicação mais seguras exigindo menos forças para a sua guarda. É como se vê um quasi regresso ás antigas bases de operações.
 - 5.º — Interrupção de vias de comunicação, cuja importancia o aconselhe.
 - 6.º — Proteção das costas.
 - 7.º — Pontos de apoio nos teatros secundarios de operações, o que é evidente pois assim póde destinar-se a tais teatros o minimo de forças, obrigando, pelo contrario; o inimigo ao emprego de forças em numero suficiente para o sitio da praça.
 - 8.º — Acção á rectaguarda de um exercito invasôr.
 - 9.º — Apoio immediato dos exercitos de operações.

Depois do exposto, diz Blume, facil é concluir as enormes vantagens de um bom sistema de fortificações, judiciosamente concebido, mas isso traz inconvenientes grandes, como os encargos financeiros que acarretam a sua construção e conservação, uma grande dispersão de forças, etc., podendo dizer-se que «o sistema defensivo de um país necessita de um certo numero

¹ Aqui Blume prevê a proteção que as fortificações construidas pelos franceses na fronteira darão ao desenvolvimento dos seus exercitos.

de fortificações», compatível com o estado das suas finanças e tendo-se sempre em vista que mais *vale a qualidade* do que a quantidade, e de que só a guerra de movimentos é capaz das grandes decisões.

Termina Blume por frisar, e muito bem, que não ha nem póde haver regras fixas sobre as obras a construir e sua colocação, que sirvam a todos os países, pois isso depende de muitos factores, variaveis de um para outro estado, a que não são estranhos o character do povo, organização do exercito, natureza do terreno, etc.

JOSÉ MASCARENHAS

Cap. dart.



A METRALHADORA DREYSE

Esta metralhadora, construída pela Reinische Metallwaaren und Maschinenfabrik Dusseldorf, é uma arma automática, de cano móvel e refrigeração por meio de água. Muito simples, de pequeno número de peças, fácil montagem e desmontagem, os seus movimentos, na sua maioria rectilíneos, garantem-lhe bom funcionamento, e regularidade de fogo.

Ao nosso paiz, vieram dois modelos sujeitar-se a experiências; um, construção de 1912, outro, construção de 1913.

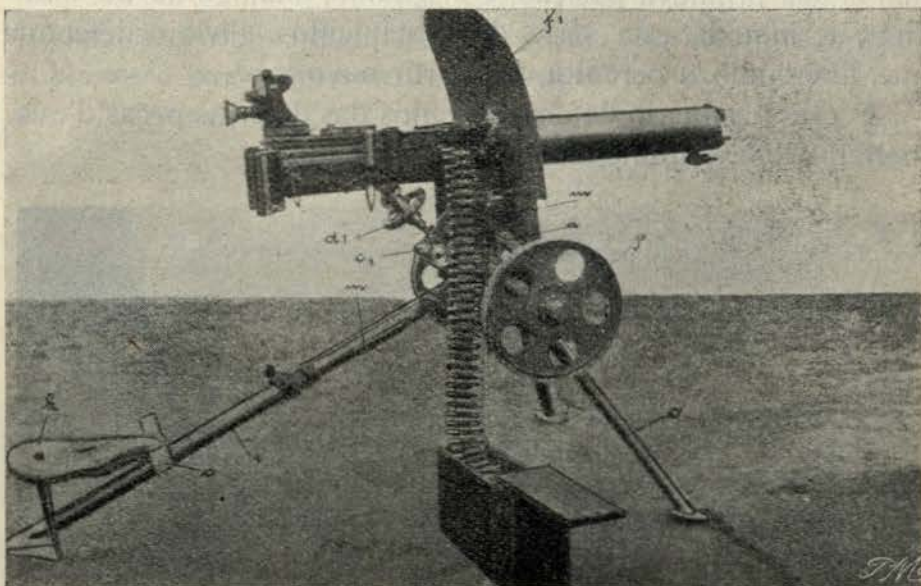
No primeiro d'estes modelos, com alimentação dos cartuchos em fitas, um tanto analogas ás da "Maxim", fazia-se sem que a arma fôsse provida de qualquer alimentador mechanico; os cartuchos, depois de arrancados da fita, caíam pelo seu proprio peso na caixa da culatra, de onde um ferrolho especial as impelia para a camara, apenas amparados por uns guidores apropriados. Este mecanismo apresentava o inconveniente de nem sempre o carregamento se fazer convenientemente, e d'ahi, frequentes interrupções no fogo.

O modelo de 1913, já provido de um bom alimentador mechanico, veio reparar este defeito, apresentando-se pois a a arma, com este grave inconveniente completa e perfeitamente corrigido.

E' curiosa a distribuição dos mecanismos de carregamento e recuperação engenhosamente distribuídos pela tampa da caixa da culatra, bem como a distribuição das peças que formam o mecanismo de disparar, dispostas no fundo móvel da mesma caixa.

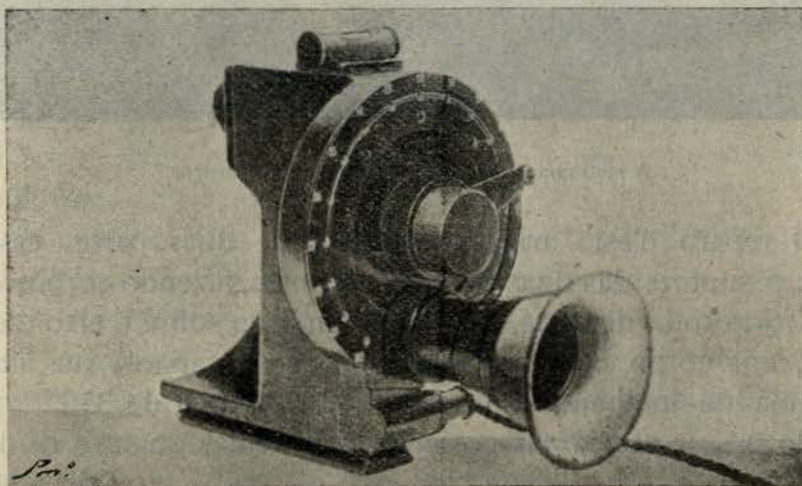
Na caixa de culatra, existe um ferrolho, com o percutor e mola nelle internamente alojados, que servindo de obturador da camara, obriga, em qualquer dos dois modelos, os cartuchos a entrarem na camara, de onde os extrae, depois do tiro, solidamente agarrados á sua face anterior, pelas garras de

um forte extractor. O funcionamento d'esta metralhadora é no seu todo analogo ao já nosso conhecido funcionamento da Maxim.



A metralhadora Dreyse modelo de 1912

Ao tiro o cano recua, e com êle o transportador do alimentador; pela reação recua o ferrolho, distendendo a mola



Alça optica da metralhadora Dreyse.

recuperadora; com o recuar do ferrolho, baixa o cão, que um detentor impede de avançar, enquanto o ferrolho não esteja

obturando a culatra; uma vez cessados os efeitos de recuar produzidos pelos gases da pólvora, a mola recuperadora, obriga o ferrolho a avançar e o transportador do alimentador a tomar a sua primitiva posição. Um gatilho, analogo ao do «Maxim», terminada esta série de movimentos, alivia o detentor que, libertando o percutor, faz partir novo tiro.

E' este o sumario dos movimentos das diversas peças d'esta metralhadora, durante o fogo.



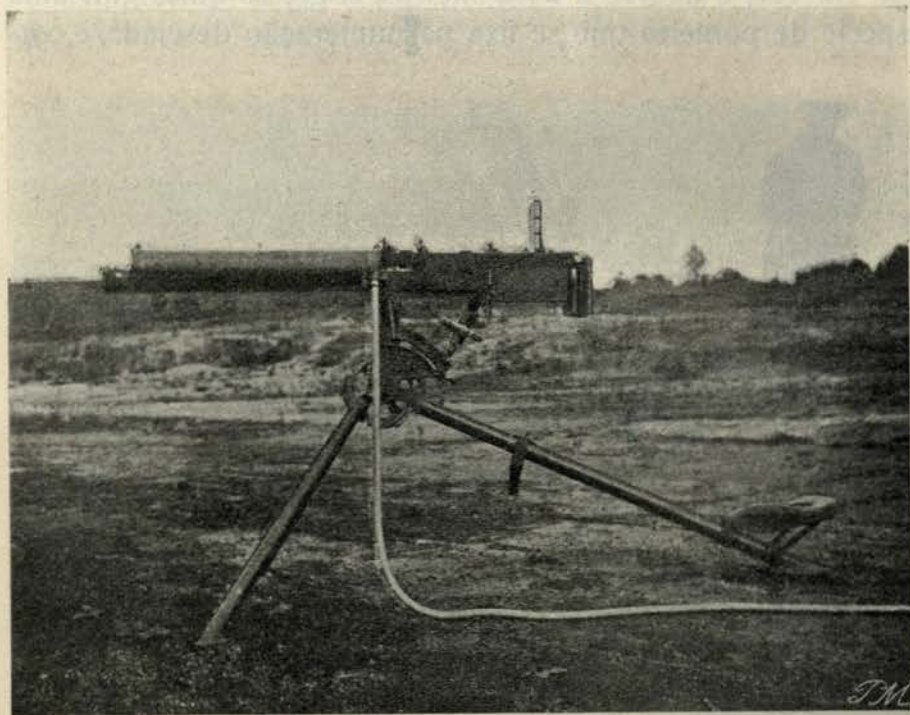
A metralhadora no fogo — atirando a 600 metros

O reparo d'esta arma compõe-se de duas partes essenciais; o suporte das duas pernas anteriores, fazendo corpo com uma forte roda dentada, e a flecha girando sobre o eixo d'esta roda, em corpo com os aparelhos de pontaria. A sua altura maxima de joelheira é de 780^{mm}, e a minima de 350^{mm}, podendo passar por tantas posições intermedias quantos os dentes da roda.

Os aparelhos de pontaria são um tanto deficientes; a pontaria em elevação é garantida por um volante e parafuso, de difficil e morosa fixação, não permitindo portanto seguras pontarias; o aparelho em direção tambem deficiente, apresenta o

inconveniente de só dar pontarias com angulos muito pequenos, quando estes angulos nunca devem ser inferiores a 60° ; não possui tambem fixação de limites de pontaria.

Este reparo não serve para o tiro a barbeta, apresentando comtudo disposição, engenhosa e segura, para o tiro contra aeroplanos e balões, mesmo na vertical.



Aspecto da metralhadora - Engenho

Curioso nesta arma, e novidade no nosso país, é a alça ótica de que a metralhadora é provida.

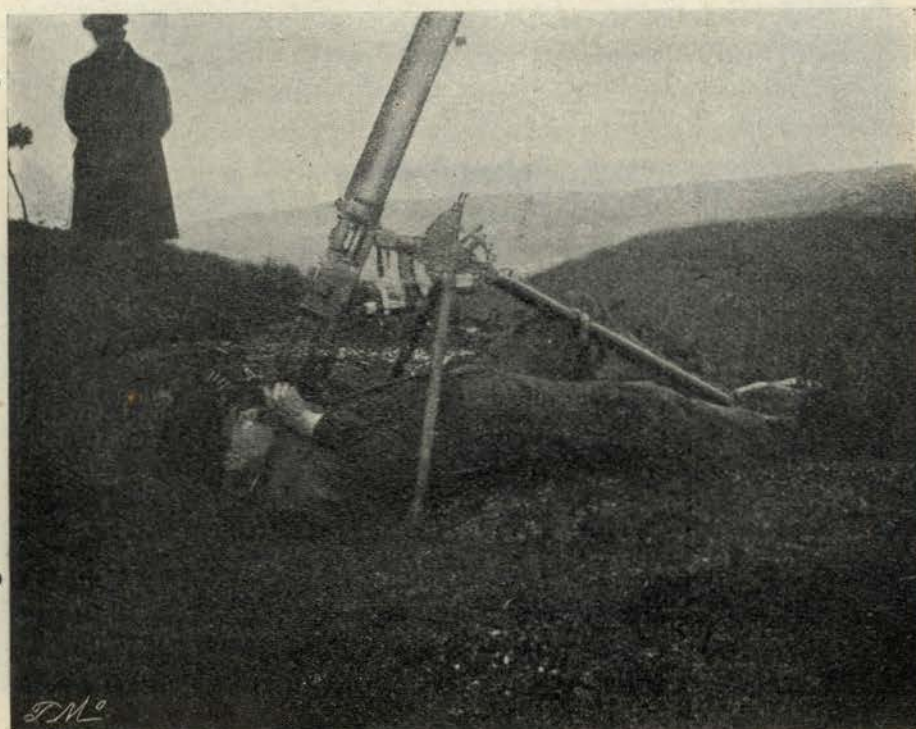
Já no nosso artigo de Outubro do ano findo, algumas palavras dissemos sobre estas alças que, mais uma vez repetimos, julgamos de digno e aturado estudo, pois nos parecem muitissimo vantajosas, não só na regulação prévia do tiro, como empregadas em reguladoras dos seus efeitos durante o fogo.

A alça ótica d'esta metralhadora, é uma luneta de prismas fabricada na casa "Zeis" de Iena. Aumenta 3 diametros e tem um campo de visão de 12 graus. Entra num alojamento em ganzepe na tampa da caixa da culatra, á retaguarda e á esquerda da alça vulgar.

A objectiva está colocada num plano superior ao plano da

ocular, a fim de mais a afastar do campo, aonde a irradiação do calor lhe poderia alterar o seu grau de luminosidade.

Internamente um traço vertical, com o numero indicador da distancia e indicativo da alça a empregar, nos serve de referencia nas pontarias, para as quais se despeja, alça vulgar e ponto de mira. Exteriormente, umas referencias graduadas de 100 em 100, e de 400 a 2000 metros, sobre as quais gira uma especie de ponteiro que se fixa na numeração desejada, e cor-



No tiro a aeroplanos

respondente á distancia ^a que se quer fazer fogo, correspondem á numeração natural das alças vulgares.

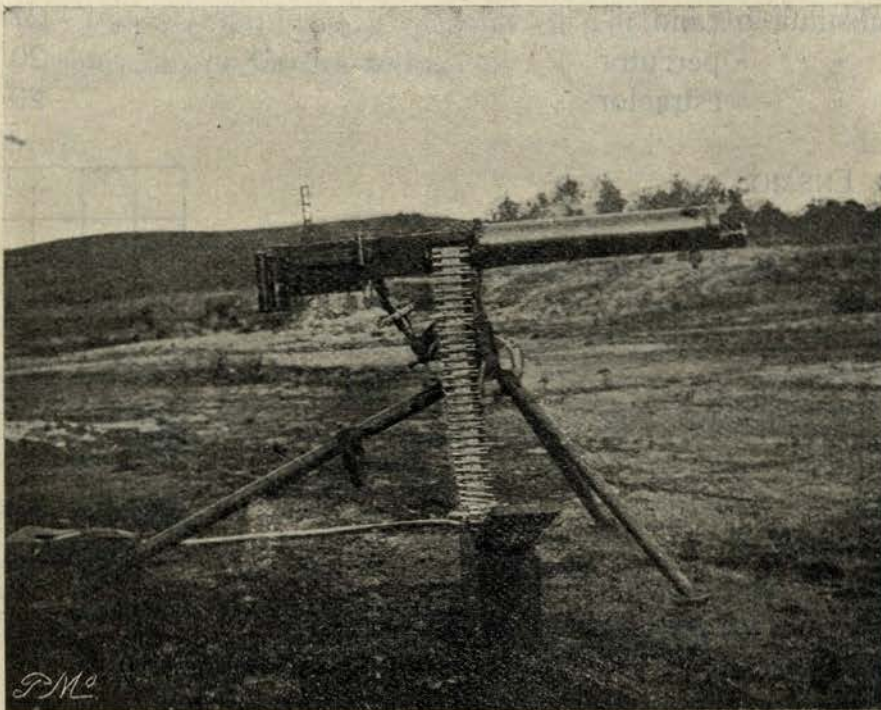
Quando de noite, uma pequena lampada alimentada por uma pilha humida, alumia o interior da luneta, garantindo uma perfeita visibilidade do traço de referencia e do numero que o sobrepõe.

Um pequeno pavilhão de cautchouc macio, facilita as observações, impedindo que durante o fogo, e com a trepidação da arma, se possa ferir ou molestar o apontador.

Esta luneta tem o peso de 800 gr.

Os dados numericos d'esta arma são:

Peso da metralhadora	15,480 kg.
Calibre	6,5 ^{mm}
Agua	4 litros
Velocidade de tiro	500 por minuto
Numero de peças componentes . . .	38
" " molas	13
—	
Total de peças	46



Aspecto da metralhadora — Direita]

Peso do reparo, 17,800 kg.

Tem 2 tempos de carregamento.

Póde dar 2:000 tiros consecutivos, sem renovação de agua.

Esta arma, foi entre nós, sujeita a experiencias de *funcionamento, ensaio, justeza e resistencia*, de onde se colheram os resultados seguintes:

FUNCIONAMENTO. A arma funciona admiravelmente em pequenas series de tiro; mas, em grandes series, ao fim de 500

tiros, apresenta algumas interrupções, devidas a má percursão, algo frequentes, mas de fácil remédio, e que nos parece depressa se farão desaparecer, desde que se consiga dar maior folga ao cão que, com a dilatação proveniente do aquecimento, se retarda e prende na sua marcha de avanço.

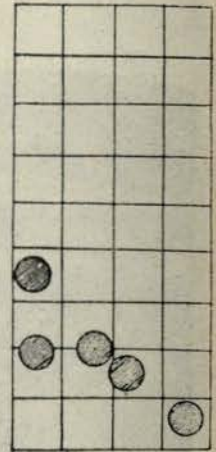
Manejada pelo mecânico da casa construtora, desmontou-se, metralhadora e peças de mais frequentes desarranjos, nos tempos seguintes:

Desmontar a metralhadora	34 //
Montar a metralhadora	52 //
Substituir o cano	27 //
" " percutor	20 //
" " extractor	20 //

ENSAIO:

Mafra, 3 de Novembro de 1913

Calibre	6 ^{mm} ,5
Bala	Ogival
Polvora	Portuguesa ^m /913
Numero de tiros	5
Pontarias.	1
Distancia.	50 metros



JUSTEZA

Tiro de carreira

Tiro fixo, série de 15 tiros

Distancia	25 metros
Lados do retangulo conten-	vertical . . . 0 ^m ,052
do todos os tiros.	horizontal . . 0 ^m ,08

Dispersão horisontal, série de 30 tiros

Distancia	25 metros
Maximo	11 ^{cm} ,5

Dispersão vertical, série de 30 tiros

Distancia	25 metros
Maximo	10 ^{cm} ,5

*Tiro a distancias reais:**Tiro fixo, 1.^a série de 500 tiros*

Distancia	600 metros
Tripé com os ferrões cravados no solo	
Alvo — bastidor forrado a branco de 10 × 7 metros	
Directos	408
Ricochetes	63
	<hr/>
Total de impactes	471

2.^a série de 500 tiros, ás mesmas, distancia e alvo.

Tripé com os ferrões soltos.

Directos	355
Ricochetes	43
	<hr/>
Total de impactes	398

Dispersão horisontal, série de 500 tiros

Distancia 600 metros
Alvo — bastidor forrado a branco de 1^m,80 × 150 metros.

Directos	256
Ricochetes	55
	<hr/>
Total de impactes	311

RESISTENCIA. A arma deu em uma sessão 5:000 tiros em 30', sendo a agua renovada de 2:000 em 2:000 tiros. As unicas interrupções anormais que houve, foram apenas as devidas á má percursão, e de que já falamos neste artigo.

Concluindo este artigo referente á metralhadora Dreyse, fazemos votos para que ela, sem duvida uma das metralhadoras de mais recente construção, e que em tão bons e singelos principios assenta, depressa possa corrigir-se do pequeno defeito que possui, para se pôr em campo, ao lado das suas congeneres mais perfectas.

Obras oferecidas

1 **Neutralité et Invasión Allemande. — Histoire — Stratégie**

— par MAXIME LECOMTE, Sénateur, Ancien Vice-President du Sénat, Ancien Officier de l'armée du Nord et le Lieutenant-Colonel breveté CAMILLE LÉVY, membre de la comission historique du Nord.—1 vol. (0^m,225×0^m,14) de 610 pag. accompagné de trois belles cartes en couleurs. — Prix : 10 francs.

A obra, que temos na nossa frente, tem o duplo interesse de ventilar uma das mais interessantes questões internacionais, que no momento presente ocupam a atenção dos homens publicos, e de expôr simultaneamente um importantissimo assunto estrategico, digno de provocar a atenção e reflexão de todos os militares estudiosos.

Trata-se da eventualidade demasiadamente provavel de uma guerra franco-alemã, e, nessa hipotese, alvitram-se as consequencias, que tal facto produzirá na vida das nações centrais da Europa e na marcha dos acontecimentos belicos.

Serão os alemães os agressores?

Invadirão eles directa e exclusivamente o territorio francês?

Farão um duplo ataque atravez dos Vosges e pelo Luxemburgo e a Belgica?

Ninguem ignora que muitos escritores militares têm sustentado que os alemães se verão obrigados a invadir a Belgica, sendo desse numero, na Alemanha, os generais von Bernhardi, von Schlieffen, von Biebers-tein, von Falkenhausen; na França, os generais Langlois, Bonnal, Maï-trot e de Lacroix; na Belgica, Brialmont, Dejardin, Ducarne, etc.

Mas, neste presuposto, de que lado, da ala direita ou da ala esquerda, empregarão eles o seu maior esforço?

Resolvidos a violar o territorio belga, empregarão os alemães um ataque rapido, uma incursão de cavalaria, que lhes dê a posse imediata das linhas ferreas de que tanto necessitam?

Ou então actuarão imediatamente por corpos de exercito, por exercitos, por grupos de exercitos, num ataque conjuntamente rapido e potencial, verdadeiramente torrencial?

Ou circunscreverão as suas operações ao sul do Moza para atingir a frente Stenay — Carignan — Sédan?

Ou dirigir-se-hão simultaneamente pelo sul do Moza e pelo norte,

tornando de novo a Belgica, cujo centro atravessariam, o campo de batalha historico, onde se têm derimido as contendas entre os gauleses e germanos?

Esta série de questões constitue, por assim dizer, o programa que presidiu á elaboração da obra, cuja publicação estamos annunciando, bastando a rapida enunciação, que delas deixamos feita, para se comprehender todo o interesse e agrado, que resulta da sua leitura.

Os autores pronunciam-se sem hesitações pela plausibilidade da invasão da Belgica pelas tropas alemãs. «Se a França, dizem eles, além dos seus sentimentos e da fé devida aos tratados, tem um interesse evidente na manutenção da inviolabilidade do territorio belga, já não succede o mesmo á Alemanha, que parece nutrir a convicção, como numerosos factos tendem a demonstra-lo, do interesse superior que lhe determina, no caso de guerra, a invasão da Belgica».

E, subordinando o desenvolvimento do seu livro a uma tal orientação, passam a examinar as condições provaveis em que se poderá efectuar essa invasão (facilidades, obstaculos, eventualidades de um contra-ataque francês, cooperações possiveis, etc.), recordando com a maior oportunidade as lições do passado, isto é, as numerosas invasões feitas atravez da Belgica no decurso dos seculos, e mostrando seguidamente as alternativas que o futuro pode reservar para uma nova tentativa desse genero, e meios de a ela obstar.

Não devemos esquecer que a situação da Belgica perante o direito internacional, que lhe garantiu, em 1830, a inviolabilidade do territorio, é cuidadosamente tratada pelos autores, como tambem lhes mereceu especial atenção o estudo das condições geograficas, sociais, politicas e militares daquele Estado.

São já numerosas as publicações emprendidas, que tratam da situação especial em que a Belgica provavelmente se encontrará no dia em que surja uma guerra franco-alemã. Mas, justo é reconhecer, que entre elas ocupa selecto logar a obra de MM. Lecomte e Lévy, sobretudo pela abundancia de informações, que contém, pelo metodo seguido e pela lucidez da exposição.

- 2 Republica Argentina—Estado Mayor del Ejercito (3.^a division)—**Anuario del Instituto Geográfico Militar**—2.^{do} volumen correspondiente al año de 1913—Buenos Ayres, 1913—1 grosso volume (0^m,29×0^m,22) com numerosas cartas.

Quando aqui démos noticia, no n.º 2, de fevereiro do ano findo, da publicação deste importante *Anuario* dissémos que «ele não só honrava o estabelecimento em que havia sido elaborado, mas demonstrava que, na Republica Argentina, se seguiam com a maior atenção os progressos scientificos realizados nos países mais adiantados sobre as especialidades a cargo do Instituto Geografico Militar Argentino».

O novo volume confirma inteiramente essa apreciação. Abre com uma brilhante exposição do coronel Benjamin García Aparicio, ácerca dos trabalhos do Instituto, na qual regista com justa ufanía o interesse

aplauso com que o volume anterior foi recebido nos mais acreditados centros científicos do mundo e pelos sabios mais ilustres, passando a registrar depois minuciosamente os trabalhos geodesicos empreendidos na Republica.

Seguem-se-lhe outros estudos importantes, elaborados por distintos membros daquele estabelecimento, tais como :

Dr. W. Schultz — «14 Latitudes determinadas en el año 1907/8 en lo litoral Argentino. Resultados definitivos».

C. el B. G. Aparicio — «El mapa mundial al millonésimo».

M. Ch. Lallemant — «Errores de construcción en el mappa mundial al millonésimo».

Dr. Pablo Gast — «Sobre el levantamiento de la Republica Argentina».

A cartografia estrangeira, designadamente da Austria-Hungria e Bolivia, é assunto de amplas informações, enriquecidas com numerosos mapas.

Por ultimo, a secção informativa regista com especial cuidado todos os elementos que tenham concorrido para enobrecer o nome do Instituto.

Como se vê, o presente *Anuario* confirma que o estabelecimento onde foi organizado continúa a ter vida prospera, nobilitando o país que se orgulha da sua existencia e honrando a ciencia.

M. S.

3 Aide Memoire de l'Officier d'Etat-Major en Campagne —
3.^e édition. — Paris, 1913 — 1 vol. de 845 pag. (0^m,17×0^m,12). — Preço 5 fr.

Acabamos de receber esta util obra que, por ser de sobejo conhecida no nosso meio, desnecessario se torna encarecer.

Emanando do Comité tecnico do Estado Maior francês, as suas informações ao mesmo tempo que revestem o indispensavel cunho official, dão-nos toda a garantia de exactidão e são, assim, duplamente preciosas.

Repositorio de dados teoricos e numericos, esparsos por regulamentos diversos, nos seus 18 capitulos se versam todas as principais questões referentes a: Organização Geral; Infantaria; Cavalaria; Artilharia; Engenharia; Trem; Serviço de intendencia; Serviço de saude; Serviço veterinario; Serviço de pagadoria; Serviço dos correios; Serviço telegrafico; Serviço de aeronautica; Serviço de policia e justiça militar; Serviço da rectaguarda; Serviço do Estado Maior e quartéis generais; etc.

Os numerosos quadros, tabelas, schemas, etc., que acompanham a apresentação de todos os assuntos, acabando por os sintetisar, dão a tal obra o verdadeiro cunho do *Aide-Memoire*, com todas as qualidades que nele se requerem, todas cuidadosamente atendidas e felizmente realizadas.

À casa editora Charles-Lavauzelle, agradecemos a gentilêsa da oferta.

4 ALAIN DE PENENNUN - 40 jours de guerre dans les Balkans.
La campagne serbo-bulgare en juillet 1913. — Paris 1914. — Librairie Chapelot, 1 vol. de 268 pag. (0^m,19×0^m,12) avec des cartes et des photographies. — Prix 3 fr. 50.

Depois da publicação da sua apreciada obra *Feuilles de route bulgares*, Alain de Penennrun, pseudônimo que, como é sabido, oculta um joven e brilhante oficial do exercito francês, dá-nos, na obra que temos presente, uma nova manifestação do seu espirito observador e imparcial e das suas qualidades de assimilação e seguro golpe de vista.

Sobre a forma de notas diárias colhidas *in loco*, quantas vezes sob a acção do fogo, que série de empolgantes quadros ele nos apresenta!...

Presente no teatro da guerra, desde 1912, agora, como por ocasião da sua primeira publicação, Penennrun, capta a atenção do seu leitor que, após as primeiras paginas, fatalmente interessado, só ambiciona atingir as ultimas.

Nesta nova publicação, o autor ocupa-se da 2.^a fase da campanha, isto é, do conflito servio-bulgaro, resolvido pelas armas, no curto periodo de 30 dias.

Bregalnitz, Egri-Palanka, e Tsarevo-Selo, são acções de campanha a que como espectador assistiu e de cujos combates nos faz um relato singelo, mas suficientemente elucidativo.

Tendo seguido sucessivamente, no decorrer de toda a campanha, os exercitos bulgaros, montenegrinos, turcos, servios e romenicos, o autor, conclue o seu trabalho, esboçando a comparação entre aqueles exercitos, que é certamente um dos mais interessantes capitulos de todo o livro, talvez só excedido pelo relato que noutra nos faz do exercito da Romenia.

É, pois, mais uma obra que, enquanto nos não chega o relato oficial desta ultima guerra, se pode recomendar a todos os estudiosos.

- 5 Capitaine de RIPERT D'ALAUZIER — **Sur les pas des aliés.** — 1 vol. de 329 pag., avec 10 photographies et 9 cartes et croquis. — Berger Levrault. — Paris, 1914. — Prix 5 fr.

Nomeado para acompanhar o coronel Mondesir a Andrinopola, logo após a tomada desta praça pelos bulgaros, o capitão Alauzier, dá-nos, num interessante volume, a coleção das suas notas diárias, traduzindo não só as suas impressões pessoais, mas tambem os relatos de oficiais bulgaros, gregos ou servios, que, como orientadores, acompanharam esta missão francesa.

A dar valor real ao estilo pitoresco e impressionante do autor, um provençal, na obra em questão, se encontram relatorios documentados das batalhas travadas pelos aliados e bastantes croquis e clichés fotograficos, tomados sobre o terreno pelo proprio coronel Mondesir.

Tendo percorrido Andrinopola, a Tracia e Macedonia, em outros tantos grandes capitulos, o capitão Alauzier, tratando de tais regiões, nos dá interessantes informações sobre a vida e modo de ser dos exercitos bulgaro, servio e grego, enriquecendo, assim, a já vasta bibliografia desta campanha.

Por isso, e porque o livro se lê sem enfado, não deve ele ser posto de parte, por todos aqueles que coligem materiais, procurando fazer um pouco de luz na historia desta campanha, ainda tão obscura em muitos dos seus pontos.

6 Bosquejo de la campaña turco-balcánica de 1912-1913.—

Redactado, bajo la dirección del jefe del Deposito de la Guerra, por la Comisión del Cuerpo de E. M. encargada de seguir las operaciones sobre el terreno. — 1 vol. 407 pag. (0^m,27×0^m,19). — Madrid, 1913.

Desta importante obra, não nos permite o espaço de que dispomos, dar condigna noticia nesta ocasião, reservando-nos fazel-o no proximo numero, com o desenvolvimento que impõe o melhor trabalho que, até ao presente sobre o assunto, tem chegado ao nosso conhecimento.

Não desejando, porém, demorar a manifestação do nosso reconhecimento para com o dignissimo chefe do Deposito de Guerra da nação vizinha, aqui, desde já, o registamos pela gentilêsa da sua oferta.

F. F.



CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Flotilha aerea.—O exercito tem actualmente em serviço 11 dirigiveis, 5 Zappelin militares, 2 Parseval, 3 de tipo militar e 1 Siemens.

Em caso de mobilisação, póde-se contar com mais três pertencentes á industria particular (o Hansa, o Vitoria-Luiza e o Sachsen). Por ultimo, estão em construção dois dirigiveis tipo Schutte-Sanz e um Parseval.

Existem 15 modelos diferentes de aeroplanos, e trabalha-se para chegar a um unico de 90^{klm.} de velocidade, que possa transportar 200^{kg.} Antes de um ano, cada corpo de exercito disporá de uma esquadrilha activa e outra de reserva de 6 aeroplanos cada uma.

A Alemanha possui mais de 200 officiais com o titulo de piloto aviador e 22 sargentos. Existem tambem 8 campos de aviação para o exercito.

Aeronautica.—As tropas e serviços diversos de aeronautica militar estão sob a autoridade de um general de divisão inspector, pertencente á infantaria cavalaria ou artilharia e que exerce ao mesmo tempo o comando das tropas de caminhos de ferro, de telegrafia e de automobilismo. As divisões do serviço, correspondendo a primeira aos balões dirigiveis, a segunda aos aeroplanos, são comandadas por dois inspectores especiais que residem em Berlim.

Eis aqui o que seria actualmente a composição das tropas de aeronautica.

Para a Prussia, Saxe e Wartemberg, ter-se-ia 3 batalhões repartidos como se segue. 1.^o em Berlim; 2.^o em Koenigsberg; 3.^o em Colonia e em Metz; um destacamento de cavalaria e um de operarios em Berlim-Reinickendorf, com um efectivo total de 67 officiais, 1.174 praças e 64 solipedes.

Para a Baviera, uma companhia do batalhão de transporte com efectivo de 15 officiais e 284 praças.

Total para toda a Alemanha, 82 officiais e 1.454 praças e 64 solipedes.

Desenvolvimento do automobilismo.—Os dados seguintes dão ideia do enorme progresso do automobilismo na Alemanha desde 1907:

	1907	1912
Fabrica de automóveis	12	54
Numero de operarios	1.773	17.748
Produção de marcas	5.700.000	70.000.000

A construção de viaturas em 1907 e em 1912, foi :

	1907	1912
De passageiros	25.815	63.162
De transporte	1.211	6.844
Total	27.026	70.006

Oficiais matriculados na Escola de linguas orientais de Berlim. — Estão matriculados nesta Escola 301 alunos, dos quais 41 são oficiais.

Entre estes, 4 estudam o chinês, 60 o japonês, 1 o persa, 7 o turco, e além disso 40 o francês, 1 o inglês, 2 o espanhol, 2 varias linguas europeias e 11 os dialectos das possessões alemãs.

Argentina

Material de guerra. — Acaba de ser adotada uma nova espingarda Mauser, modelo 1909, do mesmo calibre (7,66^{mm}) que o modelo argentino de 1851, e que dispara a bala denominada S, com velocidade superior a 800^m.

Em geral é muito parecido com o de 1895, no qual se fizeram modificações na alça para a por em condições semelhantes á de 1909.

A cavalaria possui a carabina Mauser e sabre, tendo alguns corpos lança. A artilharia tem o canhão Krupp de 7,5^{cm}, também modelo argentino 1909, com uma velocidade de tiro de 20 a 25 tiros por minuto, culatra sistema Belin, freio hidraulico, escudo de protecção e aparelho de pontaria com linha de mira independente.

Os obuzes de campanha são de 105^{mm}, e os de sitio de 130.

As metralhadoras são Maxim e as praças usam revolver Colt.

Escola de aviação militar. — Com o material e elementos oferecidos pelo Aero-Club argentino, acaba de ser creada uma escola de aerostação e aviação militar, que está destinada a tomar grande desenvolvimento,

Os officiaes que desejem entrar nessa escola tem que assistir a um curso preparatorio no Aero-Club.

O Ministerio da Guerra está trabalhando com actividade para concluir os manuais e regulamentos por que se hade reger este novo centro de ensino.

Austria-Ungria

Aumento das companhias de ciclistas. — Existem actualmente 4 companhias de ciclistas affectos a batalhões de caçadores, mas trata-se de aumentar o numero de unidades, dotando desde já cada divisão de cavalaria com uma companhia, tendo em conta que a Italia, dispõe de 12 unidades ciclistas, uma em cada regimento de Bersaglieri, e a França tem 8 companhias affectas aos batalhões de caçadores 2, 4, 9, 18, 21, 25, 26 e 29, mais 10 grupos de duas companhias que se formaram segundo a nova lei de quadros.

Bulgaria

Reorganisação das tropas tecnicas. — Até aqui havia 3 batalhões de pioneiros a 6 companhias, formando 18 batalhões por occasião de mobilisação.

Por um decreto recente, haverá de futuro, desde o tempo de paz, 10 batalhões, compreendendo cada um 2 companhias de pioneiros e 1 companhia técnica, constituída pela reunião de 1 companhia de pioneiros, e $\frac{1}{2}$ companhia de telegrafistas.

O batalhão de caminhos de ferro que tinha antigamente 5 companhias, terá, pela nova organização, 6 companhias, das quais 3 de construção de caminhos de ferro e 3 de exploração, mais 1 parque técnico, ao qual são anexas 1 secção de dirigíveis, 1 outra de aeroplanos e 1 atelier.

O batalhão de telegrafistas terá 3 companhias em vez de 4. A secção de radiotelegrafia, actualmente existente, é transformada em companhia de radiotelegrafia.

O batalhão de pontoneiros, composto até aqui de 5 companhias, ficará dóra avante apenas com 2.

Espanha

Aeronautica.—O serviço de aeronautica militar, organizado por decreto de 16 de abril de 1913, está encarregado :

a) do estudo, organização, construção, conservação e emprego do material necessario á navegação e à observação aéreas;

b) da organização, instrução e mobilisação do pessoal voador. Este serviço depende directamente do Ministerio da guerra, que a pedido dos generais, porá á sua disposição, para certos exercicios e manobras, uma parte do pessoal e do material aeronauticos.

Além de uma direcção exercida por um coronel e uma companhia de deposito, comuns á aerostação e á aviação, a aeronautica compreende um serviço de aerostação e outro de aviação, independentes entre si, dirigidos cada um por um major e possuindo um pessoal voador (pilotos e observadores), mecanicos, tropas, material e uma escola.

O numero de unidades de aviação será determinado pelas circunstancias. Constituirão um certo numero de esquadrilhas que serão subdivididas em dois escalões. O primeiro será formado dos camions-automoveis de tracção e do material de reparações; o segundo, dos camions-armazens e oficinas, de um automovel rapido e de diversos elementos postos á disposição do comandante da esquadrilha para inspecção, reconhecimentos e comunicações.

Tomarão parte anualmente em exercicios e manobras e serão mobilizadas uma vez por ano, afim de que se possa dar conta do seu funcionamento e do gráo de instrução do pessoal.

Os officiais e tropas do serviço aeronautico são recrutados entre os do exercito e da marinha, officiais de engenharia, sobretudo entre os constructores. Este pessoal terá um uniforme especial e compreenderá 3 grupos a saber :

a) os pilotos e observadores que pertençam com caracter permanente ou temporario á aeronatica;

b) os pilotos e observadores que, tendo outro destino em tempo de paz, estejam disponiveis em tempo de guerra;

c) a reserva formada de antigos pilotos das categorias *a)* e *b)* e dos pilotos civis que são postos á disposição da autoridade militar em caso de mobilisação.

Estados- Unidos

Organização da aeronautica.—Actualmente os poucos officiaes e praças destinadas ás maquinas aéreas dependem da direcção do Corpo de sinaleiros do Ministerio da Guerra.

O general Scriven, chefe desse corpo, transmite directamente as suas ordens aos officiaes chefes de grupos de aviadores, e á Escola de S. Diogo (California).

Existem actualmente 18 officiaes affectos á aeronautica ; 9 possuem o diploma de piloto. Teem ás suas ordens 60 praças que cooperam nos seus trabalhos mas sem participação alguma nos vôos.

As estações existentes são :

Escola de aviação de S. Diogo, com 10 aeroplauos ;

Posto de aviação de Texas-Citz, com 2 aeroplanos ;

Posto de aviação de Fort-Levenwerth, com 1 aeroplano ;

Posto de aviação de Manila, com 2 aeroplanos ;

Posto de aviação de Honolulu, com 1 aeroplano.

Os postos de Washington e de Atlanta, com os seus campos de manobras, foram definitivamente abandonados.

Os officiaes aviadores distribuem-se presentemente pela forma seguinte : Em S. Diogo 8, em Texas-City, em Lavenwerth 1, em Manila 4 e em Honolulu 2.

Todos os aparelhos são biplanos.

Existem 16 em serviço, dos quais : 12 do tipo Wright ou Burgess-Wright e 4 do tipo Curtiss.

Um dos biplanos Wright está munido de um dispositivo que permite atear e estacionar sobre a agua.

Os officiaes recebem unicamente um suplemento de soldo equivalente a 35 % deste. Como a promoção no exercito americano é por antiguidade, e por outra parte as leis federais proíbem as condecorações, os officiaes aviadores tão sómente pódem esperar obter uma medalha com diploma, como unica recompensa.

O governo não possui dirigiveis. Abandonou o sistema de recepção de comunicações pela telegrafia sem fios. Construiu-se um aparelho de emissão de sinais considerado como muito vantajoso pelo seu pouco peso e pequeno volume.

França

Colunas de munições de carros automoveis.— Dos 524 tiros por peça, com que estão dotadas em França as baterias de campanha, 312 são transportados por estas e 212 na columna de munições do corpo de exercito, cujo primeiro escalão se encontra a cêrca de 20^{klm.}, demorando por isso o municiação 5 ou 6 horas para chegar ao seu destino.

O parque de artilharia do corpo de exercito, está estabelecido a cêrca de 60^{klm.} á retaguarda, demorando actualmente 2 ou 3 dias o avanço das 3:750 viaturas das 4 colunas respectivas, ao passo que o mesmo serviço se fazia com grande facilidade em 12 horas, por meio de 750 viaturas-automoveis. Por isso, toma-se recentemente em consideração a adopção de automoveis para esse serviço, atendendo ao extraordinario consumo de munições que as batalhas modernas exigem.

Creação do 21.º corpo de exercito. — Como consequencia da lei de 22 de dezembro ultimo, foi constituida uma nova região, tendo por séde Epinal, para o XXI.º corpo de exercito.

O novo corpo foi provisoriamente formado em 15 de janeiro, com as 13.^a (Chaumont) e 43.^a (Saint-Dié) divisões que, com as 14.^a (Belfort) e 41.^a (Remiremont) divisões, fazia parte do VII.º corpo.

A sua artilharia é fornecida por 3 regimentos da 19.^a brigada (Vincennes), que estava affecta ao XIX.º corpo (Argel), mas estacionada em França.

O 4.º regimento de caçadores (Epinal), constitue a cavalaria do XXI.º corpo, o 11.º regimento de caçadores (Vesoul), e do VII.º corpo.

Os quartéis generais dos corpos de exercito franceses acham-se, pois, atualmente distribuidos como se segue :

I.º (Lille), II.º (Amiens), III.º (Rouen), IV.º (Le Mans), V.º (Orléans), VI.º (Chalons), VII.º (Besançon), VIII.º (Bourges), IX.º (Tours), X.º (Rennes), XI.º (Nantes), XII.º (Limoges), XIII.º (Clermont-Ferrand), XIV.º (Lyon), XV.º (Marselha), XVI.º (Montpellier), XVII.º (Toulon), XVIII.º (Bordeus), XIX.º (Argel), XX.º (Nancy), XXI.º (Epinal).

Dentre estes corpos, os II.º, VI.º, VII.º, XX.º e XXI.º, são constituidos com efectivos reforçados e formam tropas de cobertura.

Evoluções e manobras em 1914. — Além das evoluções combinadas nos campos d'instrução, executadas pela maior parte dos corpos de exercito e das divisões de cavalaria, 17 corpos tomarão parte em manobras progressivas, compreendendo 3 dias de manobras de brigada contra brigada, e 3 de divisão contra divisão.

A seguir a estas manobras, os IX.º (Tours, general Dubois), XIII.º (Clermont-Ferrand, general Alix), XVI.º (Montpellier, general Taverne) e XVII.º (Toulouse, general Poline) corpos d'exercito, executarão durante 2 dias uma operação contra inimigo figurado, enquanto que os I.º (Lille, general Franchet d'Esperey), e II.º (Amiens, general X), corpos, aos quais serão anexados os batalhões de zuavos (Paris), a 5.^a brigada colonial (Paris) e a 3.^a divisão de cavalaria (Compiègne), operarão uma contra a outra. Estas diversas manobras terão logar cada uma sob a direcção de um membro do conselho superior de guerra.

As 1.^a (Paris), 4.^a (Sedan) e 5.^a (Reims) divisões de cavalaria, constituidas em grupo, evolucionarão durante 7 dias, no campo de Chalons; as 2.^{as} (Lunville), 7.^a (Melun) e 8.^a (Dôle) divisões manobrarão nas mesmas condições no campo de Mailly. Os dois grupos de 3 divisões formarão em seguida 2 corpos de cavalaria, reforçados cada um com uma brigada mixta, e executarão uma manobra de conjunto durante 3 dias, sob a direcção do general Sor-det, inspector geral de cavalaria.

Finalmente, realizar-se-ha, durante 10 a 12 dias, diante da praça d'Epinal, uma manobra de fortalêsa, sob a direcção de um vogal do conselho superior de guerra. Ela, comportará, em um determinado sector, todas as operações previstas para o desenvolvimento metodico de um sitio. Nelas tomarão parte, além das tropas d'artilharia a pé e de engenharia, que serão affectas ás equipagens e aos parques de sitio de ataque e defêsa, a 13.^a divisão de infantaria (Chaumont), 2 regimentos das praças d'Epinal e de Toul, unidades de reserva e o 4.º regimento de caçadores a cavallo (Epinal).

Inglaterra

Rações em campanha. — Ha duas espécies de rações: a ordinaria e a de reserva.

A primeira consiste em 680^{gr},04 de carne fresca ou 453^{gr},59 de carne em conserva; 680,04 de pão ou 453,59 de bolacha ou de farinha; 85,05 de assucar; 14,17 de sal; 1,04 de mostarda; 0,79 de pimenta; 0^l,07103 de rum; 0^l,0142061 de sumo de limão; 56^{gr},70 de tabaco e 113^{gr},04 de gordura.

A composição da ração de reserva é a seguinte: 453^{gr},59 de carne em conserva; 340^{gr},19 de bolacha; 85,05 de queijo; 17,07 de chá; 56,70 de assucar; 14,17 de sal e 453^{gr},59 de extrato de carne.

Aumento de soldos. — Acaba de ser discutido o aumento dos soldos de certas categorias de officiaes, como se segue:

1.^o—Aos tenentes-coroneis, um aumento anual de 900 fr., o que eleva o seu soldo a 12.600 fr. na infantaria e artilharia de campanha; a 12.906 fr. na cavalaria; a 13.014 fr. na artilharia a cavallo; a 13.266 fr. na artilharia a pé e a 11.016 fr. na artilharia de montanha;

2.^o—Aos maiores com 24 anos de serviço, um aumento anual de 900 fr., o que eleva o seu soldo a 8.100 fr. na infantaria e artilharia de campanha e de montanha; a 8.550 fr. na cavalaria; a 9.666 fr. na artilharia a pé; a 9.216 fr. na artilharia a cavallo e a 9.396 fr. no trem e administração militar;

3.^o—Aos capitães com 12 anos de serviço e 3 anos de posto, um aumento anual de 1.350 fr., o que eleva o soldo a 6.552 fr. na infantaria e artilharia de campanha e de montanha; a 7.902 fr. na artilharia a pé; a 7.200 fr. na artilharia a cavallo e na cavalaria; a 8.802 fr. na engenharia e a 7.452 no trem e administração militar;

4.^o—Aos tenentes com 6 anos de serviço, um aumento anual de: a) 1.116 fr. na infantaria, cavalaria e artilharia; b) 450 fr. na engenharia, trem e administração militar; o que eleva o seu soldo a 4.036 fr. na infantaria, a 4.176 fr. na artilharia de campanha e de montanha, a 5.196 fr. na artilharia a cavallo e a pé, a 5.310 fr. na engenharia, a 4.556 fr. na cavalaria e a 4.950 fr. no trem e administração militar.

Recrutamento dos officiaes. — Até aqui eram os officiaes recrutados:

1.^o—Pelo Real Collegio Militar de Sandhurst (infantaria e cavalaria) e pela Academia Militar de Woolwich (artilharia e engenharia);

2.^o—Entre os officiaes das tropas das colonias autonomas, de R. S. O. (reserva especial de officiaes) e do E. T. (exercito territorial);

3.^o—Entre os alumnos graduados de certas universidades;

4.^o—Excepcionalmente entre os sargentos, para os logares de quarteis-mestres, pagadores adjuntos e picadores.

Como consequencia do aumento dos soldos, o Ministro da Guerra, resolveu que o recrutamento dos officiaes, poderá d'ora avante fazer-se pela fieleira, mediante as seguintes condições:

a) O candidato deverá antes da sua admissão como aspirante a official:

1.^o Avisar o seu comandante, com 6 meses de antecedencia, de que de-seja ser submetido ao exame especial;

2.^o Ter pelo menos o posto de cabo;

- 3.º Contar 3 anos de serviço;
- 4.º Ter pelo menos 21 anos de idade;
- 5.º Possuir um diploma de instrução de 1.ª classe ou atestado.

b) Para ser admitido, deverá o candidato:

1.º Ter passado na prova militar imposta aos candidatos provenientes da R. S. O. e do E. T.;

- 2.º Ter menos de 23 anos de idade;
- 3.º Ter exemplar comportamento;
- 4.º Ser solteiro;
- 5.º Ter a aptidão física precisa para exercer as funções d'oficial.

Os alferes saídos do quadro, gosarão das seguintes vantagens:

- 1.ª Indemnidade de equipamento de 3.750 fr.;
- 2.ª Indemnidade especial e anual de 1.250 fr. durante os seus primeiros anos de serviço;
- 3.ª Apoz 3 anos de serviço, direito ao vencimento maximo relativo ao posto de tenente (2.916 fr. na infantaria até 4.860 na engenharia);
- 4.ª Autorisação para entrar em linha de conta, até 3 anos, o tempo de serviço na fileira, cada vez que um aumento de soldo dependa da execução de um determinado periodo de serviço.

Italia

Serviço aerologico. — Este serviço, recentemente organizado, tem por objecto: prover a instalação, fiscalização e o funcionamento das estações aerologicas; colher os reconhecimentos aerologicos e meteorologicos indispensaveis aos estaleiros dos dirigiveis, aos campos de aviação, e de uma maneira geral, tudo o que possa ser necessario á navegação aerea.

A direcção deste serviço, que depende directamente da inspecção dos serviços aeronauticos do Ministerio da Guerra, terá a sua séde em Roma.

Foi constituido um conselho, presidido pelo inspector dos serviços aeronauticos do Ministerio, compreendendo: o comandante do batalhão dos engenheiros especialistas ou um seu delegado: o comandante do batalhão de aviadores ou um seu delegado; o director da repartição central de meteorologia e de geodinamica; o director do Instituto hidrografico de marinha e um representante do «comité» real etnografico de Italia.

Japão

Despezas ocasionadas nas ultimas guerras. — Segundo as declarações feitas pelo governo japonês no Parlamento, na guerra chino-japonesa, que durou 83 dias, de 1 de agosto de 1894 a 10 de maio de 1895, as despesas chamadas extraordinarias elevaram-se a 48.592.547 francos, e o total das despesas com o exercito e a marinha foi de mais de 83.875.000 francos. Os navios de guerra empregados representavam um total de 62.818 toneladas, e a despeza diaria por tonelada regulou por 2,73 francos.

Na guerra russo-japoneza, que durou 614 dias, ou seja de 10 de fevereiro de 1904 a 16 de outubro de 1905, as despesas extraordinarias foi de mais de 562.875.000 de francos.

Os navios que tomaram parte representavam um total de 283.196 toneladas; a despeza diaria por tonelada foi de 1,45 francos.

Ao tornar publica esta estatística, o governo japonês observou que nessas despesas não se entrou em linha de conta com o custo dos navios perdidos-

Roumania

Reorganização das escolas militares.—As escolas de recrutamento dos oficiais compreendiam até aqui uma escola preparatoria para a infantaria e a cavalaria, uma escola preparatoria para a artilharia, a engenharia e a marinha, e escolas especiais para cada arma.

Por decreto de 18 de novembro ultimo foi modificada esta organização da maneira seguinte:

A—Escolas militares de infantaria e administração:

1.º—1 escola preparatoria para os candidatos oficiais do activo de infantaria e administração;

2.º—1 escola preparatoria para os candidatos oficiais de reserva de infantaria e administração;

3.º—1 escola especial (escola de aplicação) para os oficiais de infantaria.

B—Escolas militares de cavalaria:

1.º—1 escola preparatoria para os candidatos oficiais do activo de cavalaria;

2.º—1 escola preparatoria para os oficiais de reserva de cavalaria;

3.º—1 escola especial para oficiais de cavalaria.

C—Escolas militares de artilharia, engenharia e marinha:

1.º—1 escola preparatoria para os candidatos oficiais do activo de artilharia, engenharia e marinha;

2.º—1 escola preparatoria para os candidatos oficiais de reserva de artilharia, engenharia e marinha;

3.º—1 escola especial para os oficiais de artilharia e engenharia.

Para ser admitido nas escolas preparatorias, é preciso:

1.º—Ter a idade de 16 anos pelo menos e 22 anos no maximo (25 para os sargentos);

2.º—Ter terminado o 7.º ano de estudos de um liceu (o 4.º para os sargentos e readmitidos);

3.º—Ter sido aprovado no exame de admissão;

4.º—Possuir as condições de aptidão fisica e ter bom comportamento;

5.º—Ser solteiro;

6.º—Comprometer-se a servir durante 9 anos como oficial.

Turquia

Uma entrevista com o general Savoff.—Mehamed Zeki, redactor principal da Defeza Nacional, tendo lido na imprensa estrangeira varias declarações do general Savoff, que lhe pareceram ser reproducões mais ou menos arbitrarías, e desejoso de conhecer a verdade a este respeito, solicita uma entrevista ao celebre general, ao que ele acedeu da melhor vontade.

Eis reproduzida textualmente a conversação:

P.—Tendo terminado a guerra, poderia V. Ex.^a fazer-me conhecer a origem da excelente disciplina demonstrada pelo exercito bulgaro na ultima guerra?

R.—Durante a paz preocupamo-nos com a educação dos nossos soldados.

P.—Desde que epoca começou a preparação da Bulgaria para chegar a possuir semelhante exercito?

R.—Desde 1913.

P.—Qual é o método da instrução adotada? Alemão, russo ou francês?

R.—Para falar-lhe com franqueza devo dizer que temos tirado o que havia de melhor dos métodos alemães, russos e franceses e assim formamos um método bulgaro que se adapta perfeitamente ás condições do país.

P.—Queira dizer-me V. Ex.^a em que país estudaram os officiaes que exerciam o comando na ultima campanha?

R.—Na Italia, na Russia e alguns na Austria. Alguns majores estudaram na França e na Alemanha, mas, como já lhe disse, os officiaes que tiveram altos comandos, estudaram na Italia e na Russia.

P.—De que país, são a tactica e os regulamentos empregados pelo exercito bulgaro?

R.—Como disse ha um momento, a nossa tactica é uma miscelanea dos regulamentos alemães, russos e franceses.

P.—Creio que a bulgaria possue dois sistemas de canhões; o francês, Schneider, e o alemão, Krupp?

R.—O novo material de tiro rapido é exclusivamente do sistema Schneider. Os nossos canhões Krupp de tiro rapido foram os encontrados em Kirk-Kilissi, abandonados pelo exercito otomano.

P.—O exercito bulgaro utilisou durante a guerra as duas especies de material?

R.—Sim. Sem duvida, a quasi totalidade das munições e espoletas eram da fabrica Krupp.

P.—Muito agradecido ficava a V. Ex.^a se me indicasse a quantidade de material de que dispunha o exercito bulgaro. Eram canhões modernos ou antigos?

R.—Metade do nosso material compunha-se de peças Krupp, do antigo sistema. A outra metade eram peças Creusot de tiro rapido.

P.—As peças Krupp empregadas durante a guerra deram resultados tão satisfatorios como os do Creusot?

R.—Como já o disse, as peças Krupp eram de sistema anticuado; apesar disso prestaram-nos bons serviços, pois o rendimento de um canhão não depende do seu valor absoluto mas tambem do artilheiro que o maneja. De certo v. comprehende que uma peça antiga não póde ter o mesmo valor que uma peça moderna de tiro rapido.

P.—Crê V. Ex.^a que o material francês e alemão são equivalentes, ou que um seja inferior ao outro?

R. Se o sr. deseja a minha opinião com toda a clarêsa, dir-lhe-hei, que penso que a artilharia francesa, ha uns 10 anos estava mais adiantada que a alemã. Quanto ás peças Krupp, modernas e de tiro rapido, valem tanto como as do Creusot. Demais, se não existisse essa equivalencia, crê o sr. que o exercito otomano teria podido sustentar batalhas de 3 e 4 dias?

Os canhões Krupp, causaram-nos muitas baixas, e em Bonnar-Hisser, tivemos occasião de os utilizar contra os servios, e asseguro-lhe que nos prestaram serviços muito importantes.

P. A imprensa europeia, publicou diversas reportagens de V. Ex.^a. Nu-

mas é condenado o material alemão, e em outras, os canhões franceses, são objecto de critica. Ainda quando tivesse a convicção de que a maior parte das vezes se citaram as vossas palavras sem fundamento, e que se abusou do vosso nome para prestigiar tal ou qual fabrica, peço-lhe o favor de dar a sua opinião, com toda a franquês, sobre o valor da artilharia na guerra dos Balkans.

R. O sr. compreenderá muito bem, que não posso ser responsavel dessas reportagens; posso ter dito alguma coisa com a franquês e lealdade de soldado, e talvez se tenha explorado a minha declaração, falseando o meu pensamento. É absurdo dizer, que eu condenara o material alemão, ou que tenha preferido o material francês. Cada fabrica tem suas vantagens e inconvenientes. Cada um prefere o que deseja ou o que pensa que pode adaptar-se melhor ás necessidades e condições do seu país, sem que por isso resulte que esse sistema seja inferior ao outro.

Tenho precisamente sob os olhos um numero da revista francêsa *L'Opinion Militaire*, na qual se explica com toda a clarês que o material alemão vale tanto como o francês. É uma declaração digna de elogio, pois, ao chamar a atenção dos seus compatriotas, essa revista demonstra, que não ha que contar com uma superioridade que na realidade não existe.

P. Qual é a vossa opinião sobre o exercito grego?

R. De momento, não se pode dizer que o exercito grego está completamente reorganizado. Para formular um juizo definitivo, é necessario esperar que a sua evolução esteja terminada.

P. Pensa V. Ex.^a que o general Eydoux tenha podido realizar o milagre de reorganizar em 18 mêses um exercito que estava em plena anarquia?

R. Isso é um absurdo. Tenho a convicção de que o general Eydoux é um official muito capaz e que trabalha com toda a sinceridade. É verdade que lhe deram toda a especie de facilidades para o bom exito do seu trabalho. Mas, o sr. compreende tambem como eu, que não pode constituir em curto prazo, um exercito cujos officiaes se sublevaram contra os seus superiores e que vivem entregues á politica. Não quero dizer com isto que o general Eydoux não triunfe, más, repito-o, isto exige tempo; o militarismo, hoje em dia, é uma sciencia muito complexa e que não se pode aprender em um ou dois anos.

P. Em que consiste o exito do exercito grego?

R. A resposta em turco é a palavra *kismet* (sorte): o melhor soldado sucumbe quando a sorte o não acompanha.

P. Como explica V. Ex.^a que o exercito bulgaro, que demonstrou tanto heroismo, não tenha podido dominar as tropas gregas?

R. Eu não tinha atribuido maior importancia ao exercito grego, e só dei 30 a 35:000 homens em frente de 60:000 gregos, para os demorar durante 10 ou 12 dias de que necessitava para derrotar o exercito servio, que era mais importante. Era um plano mais ou menos identico ao dos turcos, quando fizeram avançar contra nós o grosso das suas forças, mandando forças inferiores contra os outros inimigos.

Todavia a politica fez fracassar os meus calculos. O sr. sabe, que as questões militares se prejudicam, quando a politica nelas intervem. Sou um soldado e jámais me ocupei de politica; a minha profissão é a de militar . . .

Apoz estas palavras, despedi-me de S. Ex.^a, levando a melhor recordação desta entrevista que me fez conhecer um homem admiravelmente dotado de energia e de intelligencia, e que é um verdadeiro soldado, no sentido mais elevado e mais nobre desta palavra.

II

PARTE MARITIMA

Alemanha

Os dois couraçados a começar em 1916, estão já estudados, aproximando-se bastante do tipo americano *Oklahoma*, sendo a disposição da sua artilharia principal a seguinte: 10 peças em quatro torres axiais sobrepostas; as torres extremos com 3 peças, as torres n.^{os} 2 e 3 que só tem dois canhões cada uma fazem fogo por cima das precedentes, sendo estas peças todas de 38^{cm} em vez das peças americanas de 35,6. O armamento secundario constará de 20 peças de 15^{cm}, o couraçamento será de 35^{cm}. A velocidade não será superior a 25 milhas.

Vai ser constituída uma nova divisão de navios porta-minas, no Baltico, o que eleva o numero destes navios a 36.

Os navios chefes de divisão para os navios empregados neste serviço, são de 2.000 toneladas e 20 milhas, armados com peças de 8;8^{cm} e são o *Albatross* e *Nautilus* para o mar do Norte e o *Pelikan* para o Baltico. O primeiro a construir dará 23 milhas.

Estados-Unidos

O couraçado Texas entrou em serviço no dia 10 de Março. — Este navio, semelhante ao *New-York*, tem um deslocamento de 27.400 ton., e a velocidade de 21 milhas. Armamento principal: X canhões de 356^{mm}; armamento secundario: XX canhões de 127^{mm}; IV de 47^{mm}. A sua protecção á flutuação é no maximo de 305^{mm} e nas torres 356^{mm}. As torres são duplices e axiais.

O preço do navio, não compreendendo artilharia, será de 8.000 contos.

Pertence este couraçado ao programa de 1910 e a sua quilha foi lançada em Newport New's Shipbuilding C.^o a 11 de Setembro de 1911. A sua construção até ao dia do armamento durou trinta meses, ou seja mais seis meses do que o tempo previsto.

Foi submetido ao Congresso o pedido dum credito de 770 milhões de francos para a construção de 3 couraçados e dum numero proporcional de contra-torpedeiros e submarinos.

A construção de 6 contra-torpedeiros de 1.096 toneladas (n.^{os} 57 a 62) será distribuída aos seguintes estaleiros: Um a Fore River Shipbuilding Comp.^a, pelo custo de 4.520:000 francos; dois á New-York Shipbuilding C.^o,

custo 4.480:000 francos ; um a Bath Iron Works, custo 4.640:000 e 2 a Cramp and Sous de Philadelphia, custo 4.620:000 cada um.

França

Os couraçados novos, tipo *Normandie*, teem as seguintes características principais :

Comprimento entre perpendiculares, 175 metros ; boca maxima, 27 metros ; tirante de agua maximo, 8^m,872 ; deslocamento 23.549 toneladas.

Proteção :— O casco é protegido por um couraçamento de cintura de 200^{mm} ; esta grossura decresce por ante a vante e ante a ré das torres extremas até á prôa e pôpa.

Acima a primeira entre-ponte e as baterias são protegidas com couraçamentos de 180^{mm} e 160^{mm}.

A compartimentagem celular é limitada pelos dois convezes-couraçados, que terminam nas arestas superiores e inferiores da couraça.

São os navios deste tipo particularmente estudados no ponto de vista duma proteção eficaz na região correspondente ás maquinas e caldeiras, conseguindo ainda esta proteção pelas disposições especiais dos paióis do carvão.

A altura do cinto-couraçado acima da flutuação é de 2^m,350.

O blockhauss do comando é vasto e atinge a espessura de 300^{mm}. O tubo transmissão de ordens entre o blockhauss e o posto central tem 86^{cm} de diâmetro e 200^{mm} de grossura de paredes nas pontes não couraçadas do navio.

Aparelho motor e evaporatorio:— Em consequencia do inconveniente constatado da grande despeza de carvão das turbinas á velocidade média geralmente empregada em serviço, decidiu-se dotar os couraçados de 1913 dum sistema de aparelho-motor mixto : duas maquinas laterais alternativas actuando as duas arvores exteriores e duas turbinas centrais, uma de alta pressão e outra de baixa pressão em serie nas duas arvores interiores.

Total, 22.000 cavalos.

As maquinas alternativas são verticais de quatro cilindros e darão 115 rotações no maximo ; constituem, por assim dizer, um aparelho de tempo de paz, e servirão geralmente nos exercicios ordinarios ; permitem atingir 16 milhas e serão muito economicas a 12 ou 14 milhas de marcha, velocidade em esquadra.

As turbinas teem uma potencia total dupla de cada uma das maquinas alternativas e são dispostas para a marcha a vante. A turbina B P pôde admitir directamente vapor, em caso de avaria, da turbina H P.

O congénito dos dois motores alternativos e turbinas constituirá um aparelho devendo dar ao navio uma velocidade de, pelo menos, 21 milhas em tempo de guerra ou de grandes manobras.

O aparelho evaporatorio consistirá de caldeiras de pequenos tubos timbrados para a pressão de 15 quilogramas por cm.²

A intensidade de combustão prevista durante o ensaio de dez horas a 21 milhas será de 182 quilogramas por metro quadrado de grelha, podendo-se elevar a 225 quilogramas num ensaio de três horas.

Em tempo de guerra poderá adoptar-se a combustão mixta : carvão e petróleo.

Prevê-se, em sobrecarga, um aprovisionamento de 2.700 toneladas de carvão e 300 de petróleo (mazout).

O raio de acção previsto, com o aprovisionamento total é de 1.182 milhas á potencia maxima, 3.375 a 16 milhas, só com as maquinas verticais, e 6.250 milhas á marcha reduzida de 12 milhas.

Potencia ofensiva:—Como se sabe, o grande interesse dos couraçados tipo *Normandie* reside no seu armamento de grosso calibre, disposto em torres quadruplices.

O armamento do grosso calibre é constituído por doze canhões de 340^{mm} disposto em três destas torres ; como está indicado no esquema abaixo.

Com esta disposição consegue-se com um deslocamento, relativamente moderado, montar doze canhões de 340^{mm}.

Na realidade as torres quadruplices são a reunião de duas torres duplices acopladas e separadas por uma antepara longitudinal couraçada. Em principio, o tiro terá logar por grupos de duas peças dum mesmo par e não as quatro peças por uma só vez, para evitar o esforço enorme que o sistema teria que suportar com o fogo simultaneo das suas quatro peças.

Cada torre encerra um posto de regulação de tiro, que será ocupado por um official, e um telémetro de grande base colocado abaixo das peças.

Na torre de vante está, além disto, instalado um posto secundario de regulação de tiro, para o caso do blockauss ser demolido.

Para demonstrar uma vantagem das torres quadruplices apresentamos o seguinte confronto :

Uma torre do *Lorraine*, que é duplice, e tambem com canhões de 340^{mm}, pesa 1.166 ton. ; para duas torres 2.332 ton. ; ao passo que a torre quadruplices do *Normandie* pesa apenas 2.073 ton. ; havendo pois vantagem no pêso com esta ultima solução.

Armamento secundario : A artilharia secundaria do tipo *Normandie* compõe-se de XXIV canhões de 140^{mm} e 55 calibres, agrupados em oito secções de três peças, cada uma dessas secções num reduto couraçado.

Este agrupamento facilita a regulação do tiro.

Torpedos : O numero de tubos de lançamento de torpedos foi elevado a seis de 450^{mm} de diametro, permitindo lançamentos sucessivos sem a manobra de recolher a colher.

Estes seis tubos estão em dois compartimentos, que contem cada um três, a saber dois dum bordo e um do outro. Estão dispostos para o lançamento em gerbe.

Aparelhos auxiliares : Os aparelhos auxiliares são extremamente numerosos.

A instalação electrica compreende quatro grupos electrogeneos a vapor (turbo-dinamos) de cerca de 400^{kil.} watts a 220 volts, tendo cada um o seu condensador auxiliar e repartidos em torno da torre do meio.

Inglaterra

O couraçado rápido *Tiger*, lançado á agua em 15 de dezembro ultimo, do estaleiro John Brown, em Clydelank, pertence ao programa de 911-912. É o ultimo da serie dos couraçados rapidos armados com peças de 34^{cm},3 e de que o primeiro o *Lion*, pertence ao programa de 1999. Os outros são o *Princess-Royal* e o *Queen Mary*.

O *Tiger*, distingue-se dos seus antecessores em que ele tem 12 peças de 15,2^{cm} como artilharia secundaria, em lugar de 16 peças de 10,2.

As suas características são :

Deslocamento 30.000 toneladas, comprimento 201^m,20, bôca 27^m.60, calado d'agua 9^m,10, velocidade 28 milhas, força das maquinas 87.000 cavalos, duas êlices, caldeiras Babcock, e turbinas Cnrtiss. Aprovisionamento normal de combustivel 500 toneladas e deslocamento 3.000 das quais 1.000 de petroleo.

Armamento : 8 peças de 34^{cm}, 3 de 45 calibres, pesando 80 toneladas cada uma e atirando projecteis de 635^k, com a velocidade inicial de 800^m e energia á bôca de 22.600 toneladas-metro.

O projectil das peças de 15^{cm}, pésa 43^k com a velocidade inicial de 890^m e a energia á bôca de 1.840 toneladas-metro. Disparam 6 e meio tiros por minuto.

O armamento compreende 5 tubos lança-torpedos de 53^{cm} e 4 peças de 47^{cm}.

O carregamento identico ao *Queen Mary*, tem as seguintes espessuras : 229^{mm} á flutuação, 305 nas grandes torres, 254 no blockhaus, 76 no convez e 15^{cm} na bateria.

Russia

O cruzador *Oleg*, foi iniciado em S: Petersbourgo, em 1901 e lançado ao mar em 1903, segundo os planos do cruzador *Begatyr*, construido nos estaleiros alemães Vulkan, em 1899-1902.

O deslocamento é de 6.800 toneladas, com 132^m de comprimento, 16^m,60 de bôca e 6^m,30 de calado. O seu armamento compõe-se de 12 peças de 15^{mm}, das quais 4 em duas torres axiais couraçadas a 125^{mm} ; 4 em redutos angulares com 85^{mm} de proteção e 4 com escudos.

O blockhaus é blindado com 150^{mm} de grossura e o convez tem 75^{mm} de espessura de couraçamento.

As maquinas de 19.500 cavalos acionam duas êlices e podem dar ao navío a velocidade de 23 milhas. Além do armamento referido ha mais 8 peças de 75^{mm}, 8 de 47^{mm} e 2 tubos lança-torpedos. A guarnição é de 523 homens e 26 officiais.

Turquia

Pelo banco Périer foi posto á disposição do governo turco, a soma de 24 milhões de francos que se destina á compra do *Rio de Janeiro* em construção na casa Armstrong e que se destinava ao governo do Brazil. Este couraçado, vendido por 58 milhões, passa a chamar-se *Sultan-Osmani*, devendo ser entregue em maio proximo.

Tem 28.200 toneladas, 204 metros, 22 milhas, 13 peças de 30,5; 20 de 15,2; 10 de 76mm; três tubos de 53^{em} com 229mm de couraça na cintura.

Este navio que tem toda a sua artilharia principal no eixo, terá como congénere, o *Reshadieh*, de 23.400 toneladas, armado com 10 peças de 34,3; 16 de 15^{em}; 4 de 76mm; 21 milhas e couraça de 305mm na flutuação; em suma, mais pequeno, menos rápido e mais poderoso, está atualmente em acabamento no estaleiro Vickers, onde foi lançado á agua em 3 de setembro ultimo.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

Portugal

- 1 FRANCO (Raul Maria Narchial), tenente ajudante d'infantaria 4. *Para o meu pelotão*. (Contos ao correr da pena). Folheto. Fernandes & C.^a. Lisboa, 1914.

França

- 1 PALAT. *Bazaine et nos désastres en 1870*. I. und II. Paris, 1913 Fr. 7,50
- 2 PENENNUN (de). *40 Jours de guerre dans les Balkans*. Paris, 1914 Fr. 3,50
- 3 DETANGER (E.). *Emile Nolly. — Gens de guerre au Maroc, 1912*. (24 octobre 1913). In-18, 290 p. Calman Levy. Lagny Fr. 3,50
- 4 *Manuel de maréchalerie à l'usage des maréchaux ferrants de l'armée*. Approuvé par le ministre de la guerre, le 13 juillet 1913. 1913. (3 novembre). In-12, 156 p. avec fig. Impr. nationale. Paris.
- 5 *Manuel militaire à l'usage des troupes à Madagascar* (Exécution des prescriptions de la décision ministérielle, n.º 24 1/8 du 5 juillet 1910. (3 novembre). L. Fournier. Paris.
Ministère de la guerre.
- 6 CORDONNIER (H.). *Illustrations et photogravures. — Exploits héroïques de nos soldats au Maroc*. 1913 (26 novembre). Grand in-8, 347 p. Edition refondue et mise à jour. Lettres de Paul Déroulède et du général Lyautey. impr. Levé. Paris.
- 7 SANGNIER (M.). *L'Armée et la Nation discours prononcé aux Sociétés savantes, le 5 octobre 1913*, suivi des réponses aux contradicteurs. Compte rendu sténographique. 1913 (24 novembre). In-32, 94 p. impr. et libr. de la «Démocratie» 32 et 34 boulevard Raspail. Paris C. 25
- 8 *Soldat (le) de demain. Manuel militaire de la jeunesse française* Supplément à l'usage des candidats au brevet d'aptitude pour les troupes à cheval. 1913 (15 novembre). In-12, 112 p. avec fig. M. Imhaus et R. Chapelot. Paris C. 80

- 9 GORY (colonel). *L'Exercice du commandement* In-8. 180 p. Marc Imhaus et René Chapelot. 1913 30 septembre Fr. 3
- 10 GUYOT (ch.). *Souvenirs de la première invasion, d'après le journal de Charles d'Espinal, maire de Fouchécourt* (25 décembre 1813-1^{er} mai 1814). In-16, 21 p. Berger-Levrault. Paris, 1913.
Extrait des «Mémoires de l'Académie de Stanislas (1912 1913)»
- 11 ANGLADE (J.) professeur de langue et littérature méridionales à l'Université de Toulouse — *La Bataille de Muret* (12 septembre 1213) *d'après la chanson de la Croisade*. Texte et traduction. 1913. Petit in-8, 99 p. avec grav et planches. E. Champion. Paris.
- 12 DJEMIL MUNIR BEY, officier de cavalerie turque, ancien Saint-Cyrien. — *La cavalerie turque pendant la guerre turco bulgare*. 1913. In 8, 66 p. avec croquis. Marc Imhaus et René Chapelot (9 octobre). Paris Fr. 1,50
- 13 LOI (la) *de trois ans*. Loi du 7 août 1913. Suivie de la loi du 21 mars 1905 sur le recrutement de l'armée. In-8, 78 p. Berger-Levrault. Paris. 1913 C. 50
- 14 MACIET (C.) *Souvenirs de l'Invasion et du Siège de Paris*. Documents inédits classés et annotés par François Rousseau. In-16, xi 240 p. et portraits. Plon-Nourrit et C.^{ie}. Paris (4 octobre) 1913 Fr. 3,50
- 15 MAGNIN (lieutenant-colonel) *Campagne du Tadla* (Maroc) février 1913 à juillet 1913. *Causeries tactiques*. 1913. H. Charles-Lavauzelle. Paris. In-8, 76 p. avec croquis hors texte Fr. 2
- 16 BILLARD. (capitaine) breveté. *Éducation de l'infanterie* ; Avec 4 croquis hors texte et nombreuses figures dans la texte. In-8, 409 p. Imhaus et R. Chapelot. Paris, 1913.
- 17 BILLOT (capitaine) du 4^e régiment de cuirassiers. *Notes de guerre du capitaine Billot*, publiés par M. Billot de Göldlin. In-8, 401 p. et portrait. H. Champion. Paris.
- 18 BOISRICHEUX (lieutenant de). *Les Aéroplanes dans la guerre d'aujourd'hui*. In-8, 33 p. M. Imhaus et R. Chapelot. Paris. 1912.
- 19 BRACK (général de) *A propos des «avant-postes de cavalerie légère»* (Lettres inédites du général de Brack) In-8, 9 p. (S. M.) Berger-Levrault. Nancy.
Extrait de la «Revue de cavalerie».
- 20 BUJAC (colonel). *Les Manœuvres de l'armée hellénique en 1912*. In-8, 33 p. Berger-Levrault. Paris.
Extrait de la «Revue militaire générale».
- 21 *École spéciale militaire de Saint Cyr*. Promotion du 14 août 1870. Répertoire général des noms et situation au 1^{er} janvier 1913. Petit in-8, 28 p. Berger-Levrault. Paris.
- 22 FERRUS (commandant L.). *Les canons rayés en 1742*. In-8, 19 p. Berger-Levrault. Paris.
Extrait de la «Revue d'artillerie», mars 1910.

Inglaterra

- 1 FIVE Thousand Miles with the Cheshire Yeomanry in South Africa. Compiled by J. H. Cooke. Royal 8vo, pp. 434 Mackie.

- 2 UNIACKE (Major R. F.) Bohemian Campaign of 1866. Notes compiled for a series of Lectures delivered at Dover, November, 1913. Cr. 8vo, pp. 71. *Hugh Rees* net 1/6
- 3 ROBINSON (H. Rowan) The Campaign of Liao Yang. With maps and plans. 8vo, pp. 300. *Constable* net 6/6
- 4 SLEEMAN (J. L.) First Principles of Tactics and Organisation. For Officers and N. C. O.'s of the Regular Special Reserve and Territorial Forces. Cr. 8vo, pp. 162. *Gale & Polden* net 2/6
- 5 LEGGE (R. F.) Guide to Promotion for Officers in Subject (a) (i) Regimental Duties. 5th ed., revised to date. Cr. 8vo, pp. 180. *Gale & Polden* net 4/
- 6 MAGUIRE (T. M.) The Campaign of 1806. Royal 8vo, pp. 60. *Clewes* net 4/
- 7 PROCEEDINGS of the National Rifle Association, 1913. Cr. 8vo, pp. 236 x. 166. *Waterlow*.
- 8 ALTHAM (E. A.) The Principles of War Historically Illustrated. Vol. 1. 2 parts. 8vo, pp. 452, and maps. *Macmillan* net 10/6
- 9 BOY SCOUTS and What They Do. Illustrated. Cr. 8vo, pp. 56. *Oldfields* net 1/6

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, n.º 10, 11 e 12 de outubro a dezembro de 1913. Em defeza e propaganda da arvore. Historia das descobertas. — Os portugueses na Abissinia. Imigração. — Colonias portuguezas em países estrangeiros. Ideias, factos e homens.
- 2 *O Instituto*, n.º 2 de fevereiro de 1914. Memorias de Castilho. Memorias arqueologico-historicas do distrito de Bragança. Artes industriais e industrias portuguezas. — I. Ourivesaria. O Fausto de Goethe.
- 3 *O Oriente portuguez*, n.º 1 e 2 de janeiro e fevereiro de 1914. O governador Filippe de Valladares Souto Maior. Emissão de vales postaes indo-portuguezes desde 1887 até 1913. O terremoto de Lisboa em 1755. Um novo pairro em Pangim. Os epitaphios nas igrejas de S.ª Cruz e Mercês.
- 4 *Revista aeronautica*, n.º de setembro a dezembro de 1913. Um monumento a Santos Dumont. Os aeroplanos na guerra. Cypriano Jardim. Federação aeronautica Internacional. Uma ascensão aerostatica de Narciso de Lacerda. Aeronautica em Portugal. Aeronautica no Brazil.
- 5 *Revista de artilharia*, n.º 116 de fevereiro de 1914. Estudos de balistica interna. Processo de ligação, «por baixo», da infantaria com a artilharia. A batalha de Vitoria. A instrução das unidades de artilharia da defeza terrestre de Lisboa. Comemoração centenaria da Guerra Peninsular.
- 6 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 14, de fevereiro de 1914. Verdades e preconceitos. A inteligencia dos animais. Sobre o diagnostico

chimico e legal da hamiplagia lamigea do cavallo. Sociedade portugueza e medicina veterinaria.

- 7 *Revista Ilustrada da Sociedade Hipica Portuguesa*, n.º 32 de fevereiro e março de 1914. Chronica. Correio... Argentina. Concurso hipico de Lourenço Marques. Poules. Como se passa o tempo em Elvas. Classificação do concurso hipico de Viana do Castelo. Hipismo em Lourenço Marques.

Alemanha

- 1 *Artilleristische Monatshefte*, n.º 86 de fevereiro de 1914. Neuere Ver-riche der Fsued. Krupp A-G, über innere Ballistik. Manöverrückbck 1913. Zupammernoviken der Infanterie und Artillerie im Angriffe. Zur Frega der Verwendung der Artillerie in höherez Verhanden. Der Anhang zum Exerzieneglement für die Feldartillerie. Die zwölf Grudwahrer der französischen Feldartillerie. Einiges zur Scheinwerpertaktik Die wahren Ursachen der turkischen Niederlagen in Balkankriege.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 253 de fevereiro de 1914. El general Sheridan. La pala en el pasado y su evolución. Aerostable «Moreau». Lo que cuesta el soldado.

Belgica

- 1 *Bulletin de la presse et de la bibliographie militaires*, n.ºs 714 e 715 de 15 e 28 de fevereiro de 1914. Le siège d'Andrinople (22 octobre 1912 — 26 mars 1913). La bataille d'anéantissements à travers l'histoire et d'après les idées modernes. L'armée hollandaise réorganisée.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado Maior do exercito*, n.º 2 de fevereiro de 1914. Notas editoriaes. O curso de infantaria pelo regulamento de 30 de abril de 1913. Grandes soldados do Brazil. Alimentação. Alimentação e reabastecimento dos exercitos em campanha. Assistencia medica militar. Effectivo do exercito dos E. U. da America. As principaes escolas de equitação europeas. Notas sobre a infantaria allemã. Equitação. A triplice missão da cavallaria.
- 2 *Revista maritima brasileira*, n.º 8 de fevereiro de 1914. Relatorio da comissão de estudos sobre a organização das marinhas europeas. Fire-control. Nova pistola ou percutor universal. Uma visita ás officinas Schneider. Socorro naval. Questões de mathematica. Um novo projecto muito bom ou muito mau. Santa Catharina na marinha.

Chile

- 1 *Memorial del Estado Mayor del ejercito de Chile*, n.º do 1.º de febreiro de 1914. Opiniones acerca de una conferencia relativa al armamento con que deberia dotar-se la caballeria. Observacion i critica de maniobras en el ejercito aleman. Haberia ventajas para la artilleria en suprimir la marcha regular? Opiniones alemanas sobre la guerra moderna. Revistas nacionales i extranjeras recibidas. Reorganizacion i rearmamento de la artilleria de campaña de los Estados-Unidos de Norte-America. Estudio sobre el servicio de la caballeria en campaña. Ejercicios de regimiento i de brigada de infanteria. Explosivos. Ejercicios de noche. El problema de nuestra educacion militar. Por qué no hemos podido llegar a formar en materia de equipo una dotacion de guerra en las unidades de tropa?
- 2 *Revista de marina*, n.º 332 de febreiro de 1914. Nuestra navegacion? Estudio sobre la creacion de un Estado mayor de marina i sobre la ampliacion de nuestro Consejo de defensa nacional. Guerra naval. La escuadra de acorazados-cruceiros del Japon. Pinturas para las sentinas de los departamentos de máquinas i calderas. La guerra italo-turca.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado mayor*, n.º de febreiro de 1914. El señor general Don Francisco Javier Vergara y Velasco. Al través de la prensa militar.

Espanha

- 1 *Boletin de intendencia é intervencion militares*, n.º 27 de febreiro de 1914. El aprovisionamiento de Paris en caso de guerra ó de movilización. Estadística de la producción de cereales y leguminosas en el año de 1913. La administración del ejercito inglés durante la campaña de Crimea. Las fronteras fiscales y las fronteras politicas. Recetas utiles para correas de transmisión.
- 2 *Estudios militares*, n.º de febreiro de 1914. Don Francisco Maria Spinola, Duque de San Pedro, Principe de Piombino, Capitán general do Ejercito. Memoria hecha sobre la base de apuntes tomados durante el curso de 1911 en la Escuela de tiro de Infanteria. La guerra en los Balkanes (1912-1913). Bosquejos sociales. Los discipulos. Las grandes maniobras francesas en 1912. Táctica de huelgas. Reglamento de tiro de ametralladoras en el ejercito austro-hungaro. Instrucción metódica de los cuadros y de los alunos cabos.
- 3 *Información militar del extranjero*, n.ºs 1 e 2 de janeiro e febreiro de 1914. Las grandes maniobras del ejercito ruso, verificadas en el distrito militar de San Petersburgo. Grandes maniobras de outoño en el ejercito inglés. La frontera franco-alemana. Transporte mecanico en las maniobras de Alemania de 1913. Construcción de ferrocarriles militares en Marruecos. La campaña del Chaco. La situación en los Bal-

- kanes. Examen de los progresos del ejercito en las principales potencias da Europa en el año 1913. Belgica. Defensas y aspecto estrategico del Canal de Panamá.
- 4 *Memorial de artilleria*, n.º de fevereiro de 1914. El coeficiente de conecccion del esfuerzo resistente en el movimiento en el aire de los planos delgados. Crónica interior. Crónica exterior.
 - 5 *Memorial de infanteria*, n.º de fevereiro de 1914. Muertos ilustres. El tema tactico. Misterios de las Matemáticas. Recuerdo historico. Servicio de enlaces en campaña. Viriato. La obra militar y politica de Hermán-Cortés. Los enlaces en el campo de batalla. Datos balísticos relativos al nuevo cartucho de bala en punta. Pistolas automáticas.
 - 6 *Memorial de ingenieros del ejercito*, n.º de fevereiro de 1914. La situación politico-militar en el Mediterraneo. Sobre enseñanza. Práctica radiotelegrafica — Zumbadores.
 - 7 *Revista científico-militar*, n.ºs 3 e 4 de 10 e 25 de fevereiro de 1914. La superioridad en la guerra. Las maniobras imperiales alemanas de 1913. Organización de las trincheras en las alturas. La fortificación en la guerra Balkanica. Ventajas de las ametralladoras en los aeroplanos. La maniobra de Cannas. Um discurso notable. Las maniobras imperiales alemanas de 1913. Un cuadro siempre renovado.
 - 8 *Revista de caballeria*, n.º de fevereiro de 1914. Los problemas sobre el plano. Segundo deposito de caballos sementales. Consideraciones sobre el Arma de Caballeria. De Lille Burgas á Tchataldja. La retirada de Rusia. Ganado caballar de silla.
 - 9 *Revista internacional militar*, n.º de fevereiro de 1914. La importancia de la artilleria en la próxima guerra. Las deficiencias de la artilleria turca. Variaciones en el reglamento de la artilleria de campaña francesa. Comentarios.
 - 10 *Revista tecnica de infantaria y caballeria*, n.ºs 1 e 15 de fevereiro de 1914. El nuevo reglamento inglés para maniobras de la infanteria. Ascessos y recompensas. Grandes maniobras en Italia en 1911. Labor militar en la Guine española. Manual de telegrafia militar.

França

- 1 *Journal des sciences militaires*, n.ºs 147 e 148 de 1 e 15 de janeiro de 1914. Cavélerie. Quelques rafflexions sur las manœuvres de Sissonne en 1913. Evolution des idées sur le mode de préparation de l'artillerie á la bataille. Etude sur las opérations du groupe de l'Est á la bataille du Chaho. L'artillerie de campagne dans les Balkans. Le mois militaire. La concentration allemande, d'après un document trouvé dans un compartiment de chemin de fer. Les soldats de 1870. Etude historique sur la discipline et le droit de punir dans l'Armée française.
- 2 *La revue d'infanterie*, n.º 326 de 15 de fevereiro de 1914. Zones de concentration et manœuvre probables des armées françaises et allemandes au début d'une guerre. Le fantassin en campagne dans las principales armées. Suisse. Education intellectuelle et morale du chef de section. Le groupe cycliste et la division de cavalerie. L'infanterie légère.

- 3 *L'Opinion militaire*, n.º 78 e 79 de 10 e 25 de fevereiro de 1914. Le sous-officier français. Variations à propòs de doctrine. Eloge du général Langlois. Idées du jour. Cavalerie et aviation. La politique étrangère. La loi de 3 ans au Sénat. Le régime des grandes écoles. Notes de la quinzaine. Une explication de textes. Mise au point nécessaire. Quelques opinions de militaires. Sur la question des casernements.
- 4 *Le spectateur militaire*, n.º 561 e 562 de 1 e 15 de fevereiro de 1914. La mission militaire française au Pérou. Nos premiers pas au Maroc. Vérités sur l'Alsace-Lorraine. Le chameau au Maroc. Waterloo. La réorganisation de l'armée bellénique. Préjugés stratégiques. Nictzsche et ses pensées sur la guerre.
- 5 *Revue d'artillerie*, n.º de fevereiro de 1914. Contribution à l'histoire de l'artillerie. Une lettre du comte de Lariboisière. Rôle de l'artillerie de siège et de campagne dans les opérations aueur d'Andrinople. La théorie. Tchicnov sur l'érosion. La signalisation dans l'armée anglaise. Débourage et dressage élémentaire du cheval d'artillerie.
- 6 *Revue de cavalerie*, n.º de fevereiro de 1904. Comment se perd une bataille. La cavalerie à Rezonville de 16 aút. Combat de cavalerie (études). Montereau (18 février 1814). Colonne du Todla (16 juin-1.ª juillet 1910). Carnet de route du 4 goum à cheval. Le sport militaire en 1913. Opinions. Armement de la cavalerie.
- 7 *Revue d'études militaires*, n.º 19 e 20 de 1 e 16 de fevereiro de 1914. L'année écoulée. L'année nouvelle. La doctrine géographique par les maitres. Section de Revuisme. 1.ª Partie : Cycle II. La préparation aux exemens oraux. Cycle I. I. *Directives*. II. Livres et documents, leur utilisation. III. Documents envoyés.
- 8 *Revue du génie militaire*, n.º de fevereiro de 1914. État actual de l'éclairage électrique par lampes à incandescence. Sur l'emploi des filtres à sable submergés pour l'épuration des eaux destinées à la boisson. L'imperméabilisation des mortiers et las huiles lourdes. Fortifications, etc. Casernement, etc. Construction, etc. Communications, etc. Sciences phisiques, etc. Histoire, etc.
- 9 *Revue d'histoire*, n.º 158 de fevereiro de 1914. La bataille. La cavalerie au début de la guerre de Sept Ans. L'organisation de la Grande Armée de 1813. La guerre de 1870-71. Le siège de Paris. La 1^{re} Armée de la Loire.

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.º de fevereiro de 1914. Esperimenti di traino con cammelli nella Somalia italiana. L'armamento e l'impiego offensivo delle acornavi. Il genio militare italiano nelle guerre del 1848 e 1849. Dati su materiali d'artiglieria de campagne, a cavallo e de montagna. L'importanza della vanghetta nel combattimento offensivo. Esercitazione di tiro di artiglieria contro aeroplano.
- 2 *Rivista di cavalleria*, n.º de 15 de fevereiro de 1914. Un ordine non is discute. Lo sperpero delle Cavalleria. Di alcune varianti ed aggiunte al vol. II del Regolamento di esercizi par la Cavalleria. Il Regolamento

di esercizi della Cavalleria giapponese. Ricardi e ammonimenti delle ultime grandi esercitazioni.

Mexico

- 1 *Boletin de ingenieros*, n.º 6 de fevereiro de 1914. A los hombres de buena voluntad. La telegrafia de campaña. Ferrocarriles militares. Apuntes sobre fortificaciones de campaña. Algunas consideraciones sobre presas. Table para calcular piezas de madera de sección rectangular. Aprendizaje de sobrestantes y maestros de obras.
- 2 *Revista del ejercito y marina*, n.º 2 de fevereiro de 1914. Los señores general de brigada D. Eduardo Camargo y general brigadier D. Luiz G. Palacios. Regeneración de las mezclas nitricas usadas por medio de de diagramas. El fuego de la infanteria como elemento de combate y sus relaciones con la tactica. Civiles y militares. Intormes oficiale que con motivo de las fiestas patrias, celebradas en el hospítel militar de Cuernavaca. Sin disciplina no hay ejercito.

Noruega

- 1 *Norsk militaert tidsskrift*, n.º 2 de fevereiro de 1914. Haandgranater, bajonetter. Fredriksvern under krigen i 1788-89. Den frauske reserveofficersinstitution. Om enkeltmandspakkens anvendelze. Aarsberetning fra Kristianzands militærforening 1913.

Perú

- 1 *Boletin del ministerio de guerra y marina*, n.º 3 de 15 de fevereiro de 1914. Conferencias de la Escuela Superior de la guerra (Administracion, Historia militar, Organización militar, Tactica de caballeria, Topografia). Selección medica de les contingentos.

Uruguay

- 1 *Revista del centro militar y naval*, n.º 118 de fevereiro de 1914. Paginas da historia militar. Sobre sueldos militares. El personal subalterno de la marina. Maquiavelo y «El Arte de la Guerra». Notas para la navegacion a la Leguna Merim. Tratado entre la Republica Oriental del Uruguay y los Estados Unidos do Brazil Para ayudarte en el comando de la compañía. Los uniformes actuales en la guerra y en las maniobras.